

LÍNGUAS DE IMIGRANTES EM "PAÍSES NOVOS": O CASO DO CANADÁ VISTO ATRAVÉS DE DADOS CENSITÁRIOS

Juergen Richard LANGENBUCH¹

Resumo

O artigo enfoca as línguas outras que não o inglês e o francês, faladas por imigrantes e seus descendentes, no Canadá, tomado como exemplo de "país novo" em que a imigração foi muito significativa. Procurou-se avaliar, sobretudo, o grau de transmissão e persistência das línguas que por sua expressão estatística possibilitassem o exame individualizado. As abundantes informações propiciadas pelo recenseamento do Canadá de 2001 forneceram o arcabouço essencial da análise, efetuada com visão regionalizada, na qual foi destacada a parte do Canadá de língua inglesa, incluindo abordagens mais localizadas em meio a esse espaço, e a de língua francesa, enfocando especificamente Montreal.

Palavras-chave: Canadá. Línguas. Imigrantes. Assimilação linguística.

Abstract

Immigrant languages in "new countries": the case of Canadá examined through census data

The article concerns languages others than English and French, spoken by immigrants and their descendants in Canada, taken as example of a "new country" in which immigration was very significant. The main intention was to evaluate the degree of transmission and persistence of the languages whose statistical expression allowed an individual examination. The plentiful data supplied by the Canadian Census of 2001 delivered the essential framework of the analysis, carried out in regionalized approach, with a focus on the Anglophone part of Canada, including more local appreciations inside this space, and the Francophone part, selecting specifically Montreal.

Key words: Canada. Languages. Immigrants. Linguistical assimilation.

¹ Geógrafo e advogado.Ex-professor titular do Departamento de Geografia do IGCE da UNESP (Rio Claro).
E-mail: jurlang@terra.com.br.

AS LÍNGUAS NOS DIFERENTES CONTEXTOS GEOHISTÓRICOS

Do ponto de vista da função e da importância que as línguas têm nos diferentes países, o Planeta pode ser dividido esquematicamente em três grandes conjuntos territoriais. A saber:

- I. A parte da terra que não conheceu colonização ultramarina por parte de povos europeus. Compreende a Europa (exceto Malta) e a parte da Ásia ao norte do limite entre os países árabes e os não árabes e, mais para leste, ao norte do Himalaia e do limite entre a China e os países da Ásia de Sudeste, as duas Coreias e o Japão. A Arábia Saudita e a Tailândia são exclaves desse bloco em meio ao seguinte.
- II. As antigas *colônias de enquadramento*, em que os europeus se instalaram apenas em pequeno número, tendo a potência colonizadora o único objetivo de explorar essas terras em seu benefício, organizando sua economia com essa finalidade, provocando reorganizações sociais igualmente voltadas a seus interesses. Em alguns lugares, o interesse específico da implantação colonial foi mais o de presença estratégica, para assegurar o domínio de outros territórios, de valia econômica, cujas rotas de navegação passassem por ali ou fossem vizinhos. Também nessas colônias (*de posição*), a presença de europeus foi mínima. Em ambos os casos, as pessoas, da potência colonizadora, além de diminutas em número, não se deslocavam para lá com a intenção de permanência definitiva, sendo em sua maioria substituídos, após certo tempo, por outras da mesma origem². Esse bloco territorial abrange toda a África, Malta, Chipre, a parte da Ásia ao sul dos limites do bloco anterior, a porção da Oceania que transcende a Austrália e a Nova Zelândia, ilhas do Pacífico e alguns trechos da parte do continente americano banhado pelo Atlântico: Groenlândia, *Belize*, o *Caribe* (exceto Porto Rico, Cuba e República Dominicana) e as *Guianas*. Nos espaços geográficos grifados, a população autóctone foi no todo ou em parte considerável substituída por escravos e mão de obra remunerada procedentes de outras regiões coloniais.
- III. As antigas *colônias de povoamento*, estabelecidas por potências européias também com interesses econômicos e/ou estratégicos, mas à qual nacionais seus afluíram em número significativo, em geral com intenções de permanência, realmente concretizada por parte de muitos deles. Em algumas dessas colônias, o elemento europeu, da potência colonizadora, prevaleceu sobre a população nativa, em outros casos permaneceu minoritário, mas mesmo assim expressivo, surgindo um amálgama, mínimo que fosse, entre ambos os contingentes num sentimento nacional com relação aos Estados independentes que surgiriam no lugar das antigas colônias. Esse bloco abrange a Austrália, Nova Zelândia e a maior parte do continente americano, eis que apenas as parcelas de terra referidas no item anterior ficam de fora. Os Estados abrangidos costumam ser rotulados de "países novos", termo que empregamos no título deste escrito e que repetiremos ao longo do texto em razão do caráter compacto da formulação.

É de notar que a divisão geográfica ora esboçada é bastante esquemática, havendo países que ficam notoriamente numa situação de transição entre duas realidades, caso da África do Sul, por exemplo, que teve algum povoamento europeu, mas que por uma questão de baixa proporção da mesma e da falta do referido amálgama nacional e de sua afinidade geográfica com os Estados vizinhos parece se enquadrar melhor no bloco 2.

A situação lingüística pode apresentar grandes peculiaridades nos diferentes Estados em que se divide o Globo. No entanto, é possível vislumbrar uma série de características gerais em cada um dos blocos acima formulados. Senão vejamos:

² Em algumas dessas colônias até houve o enraizamento de certo número de europeus da potência colonizadora. Foi o caso, por exemplo, da faixa Marrocos - Líbia e do atual Zimbábue. No entanto, minoritários diante da população nativa, saíram, por opção ou coerção, após a independência dos respectivos países.

- O bloco I, sobretudo em sua porção européia, é composto por *Estados-nação*, em resposta a um ideal que se consolidou a partir da segunda metade do século XVIII, segundo o qual os Estados (=países independentes) deveriam coincidir com o espaço geográfico habitado por determinada nação. Como o principal elemento caracterizador das nações é a língua por ela falada, resultou que, de modo geral, cada Estado tem uma língua preponderante que, além de ser falada pela maioria dos habitantes, foi tornada oficial em todo seu território. Há exceções, como a Suíça e a Bélgica, em que povos falantes de línguas diferentes foram juntados, com a oficialização de cada uma na parte do país em que prepondera e uso conjunto ou alternativo em formalidades de caráter nacional. Ocorrem também línguas faladas por minorias, algumas das quais já formaram Estados em épocas passadas, mas que não foram contempladas com o estatuto de oficiais, salvo, em alguns casos, em caráter regional, sendo empregadas em paralelo com a língua oficial válida para todo o país. Exemplificando: na Espanha, o galego, o catalão e o basco estão nessa situação. Como esse bloco continental foi varrido por guerras durante séculos, implicando muitas vezes em expansão territorial dos Estados vence dores em detrimento dos vencidos, nem sempre com a expulsão dos habitantes das faixas transferidas, há vários desajustes entre os limites políticos e os etnolingüísticos, com populações vivendo em um Estado, radicadas ali há muitas gerações, falando a língua do Estado vizinho. Há ainda várias outras situações explicativas da ocorrência de línguas minoritárias em alguns Estados, com o que não nos ocuparemos aqui. As questões lingüísticas desse bloco territorial e suas relações sociais e políticas já foram objeto de estudo deste autor (LANGENBUCH, 2009).

- No bloco II ocorrem os seguintes tipos de línguas:

- a) *línguas nativas* – faladas pelos povos colonizados pelos europeus, que já as praticavam antes de sua chegada e continuam a fazê-lo.
- b) *línguas européias* – trazidas pelo colonizador. São as seguintes, na seqüência das mais para as menos difundidas: inglês, francês, português, *alemão*, *italiano*, espanhol e *holandês*. As grifadas não são mais praticadas, em decorrência de evoluções coloniais e pós-coloniais específicas³.
- c) *línguas híbridas* formadas a partir do convívio entre língua nativa e língua européia. Conforme certas características, algumas são designadas *pidgin*, outras *crioulo*. Apenas em algumas das colônias de enquadramento surgiram tais línguas.

Nos diferentes países que estiveram sob regime colonial, a importância das línguas de cada uma dessas categorias variou muito, em razão da natureza, intensidade e duração do processo colonial, da multiplicidade ou unicidade das línguas nativas, de seu emprego escrito ou não, de seu prestígio literário etc. Somente em poucos casos os idiomas das potências coloniais tornaram-se línguas maternas e de uso corrente por parte da população colonizada, mas foram adotados como língua oficial em vários daqueles que continuam a praticar as línguas nativas e/ou as híbridas, muitas vezes em situação de bilingüismo oficial com alguma dessas ou daquelas.

- No bloco III, as línguas, de acordo com sua origem e função podem ser classificadas como segue:

- a) *Línguas européias* trazidas pelo colonizador e hoje oficiais nos países que sucederam as antigas colônias. São apenas quatro: inglês, espanhol, português e francês.
- b) *Línguas européias* incluídas no grupo anterior, mas que, posto serem oficiais em algum(n) Estado(s), não se tornaram oficiais em outros, nos quais também são

³ Numa situação excepcional, o alemão ainda é falado por minoria, descendente dos antigos dominadores alemães na Namíbia, apesar dessa titularidade colonial ter se encerrado após a Primeira Grande Guerra (1914-1918).

praticados, por neles derivarem de situações geopolíticas passadas, ou de expansão populacional a partir de colônias ou já Estados vizinhos ou próximos. Trata-se do espanhol e do francês nos Estados Unidos e do inglês no litoral atlântico de países da América Central, em parte sob feições crioulizadas, e do português no Paraguai. Embora importantes em alguns casos, não são oficiais em nenhum desses Estados, nem mesmo em caráter regional, salvo o inglês no litoral atlântico da Nicarágua, conforme disposição genérica da constituição desse país.

- c) *Línguas de povos nativos* (= *aborígenes*), utilizadas ora por contingentes silvícolas, ora por populações que passaram a conviver com a população de origem européia, comumente de forma miscigenada. Numa situação única, no Paraguai o principal idioma indígena, o guarani, é língua oficial ao lado do espanhol. Em alguns outros Estados, línguas aborígenes são admitidas como oficiais nas respectivas áreas de uso, em conjunto com a européia, que é oficial em todo o território nacional. No entanto, o uso literário dos idiomas nativos é reduzido, mesmo no caso do guarani, no Paraguai.
- d) *Línguas de imigrantes* procedentes de países nos quais não se fala o idioma oficial do país ao qual afluíram. A maioria das línguas trazidas pelos imigrantes é oficial e de uso generalizado no país de origem, parecendo-nos conveniente formular outra categoria, a seguir, para as que não o são.
- e) *Línguas de imigrantes, minoritárias no país de origem*. É o caso do ídiche, trazido pelos judeus asquenazes aos países novos, a exemplo de Estados Unidos, Argentina, e Brasil, e do basco e galego, línguas minoritárias faladas na Espanha e França, de onde levas de imigrantes procedentes das regiões em que são empregadas vieram a alguns dos países novos, tais como Argentina e Uruguai.

A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS LÍNGUAS NO CANADÁ

No presente artigo, pretendemos abordar as *línguas de imigrantes* (categoria d do bloco III acima formulado), escolhendo como exemplo o Canadá. Línguas desse tipo também ocorrem de modo muito significativo nos Estados Unidos, Argentina, Uruguai, Chile, Brasil, Austrália e Nova Zelândia, recaindo nossa escolha no Canadá por causa do grande volume e diversidade que assumem nesse país, da qualidade e detalhamento com que os recenseamentos do país levantam os fatos implícitos e correlatos, bem como a circunstância de ser um Estado oficialmente bilingüe em dois idiomas trazidos pelos colonizadores europeus originais, quais sejam o inglês e o francês, com distribuição geográfica territorializada. Assim sendo, será possível avaliar o comportamento de cada língua de imigrantes de alguma magnitude diante da cada uma dessas duas línguas, em termos de persistência ou, ao contrário, assimilação dos falantes, além de outras condutas deles em termos lingüísticos. (Infelizmente não existem recursos informativos similares para os países sul-americanos referidos.)

A pesquisa basear-se-á fundamentalmente na análise dos resultados censitários, com chamadas apenas pontuais a trabalhos sobre temas específicos abordados. Embora essa investigação seja conduzida sob certas pressuposições assumidas em caráter dedutivo, baseadas em leituras genéricas e na realidade brasileira, a narrativa seguirá no essencial uma linha indutiva, através da exploração dos resultados que forem aparecendo, para os quais procuraremos explicações.

Para o conjunto do país, o censo canadense apurou a seguinte distribuição da população conforme a língua declarada pelos respondentes como sendo sua língua materna: inglês - 17.352.315 (58,6%), francês - 6.703.325 (22,6%), alguma língua aborígine - 187.675 (0,6%), alguma língua de imigrantes, inclusive as da categoria "e" da enumeração, difícil de

discriminar em levantamento genérico – 5.014.575 (16,9%) e mais de uma língua – 381.145 (1,3%). Somando as duas línguas oficiais – o inglês e o francês – temos que são língua materna de 81,2% da população recenseada no país; a supremacia da primeira em termos numéricos é inconteste, o que inclusive se reflete nos hábitos lingüísticos dos habitantes que não o têm como língua materna (bilingüismo em termos de língua utilizada no dia-a-dia, assimilação etc.)

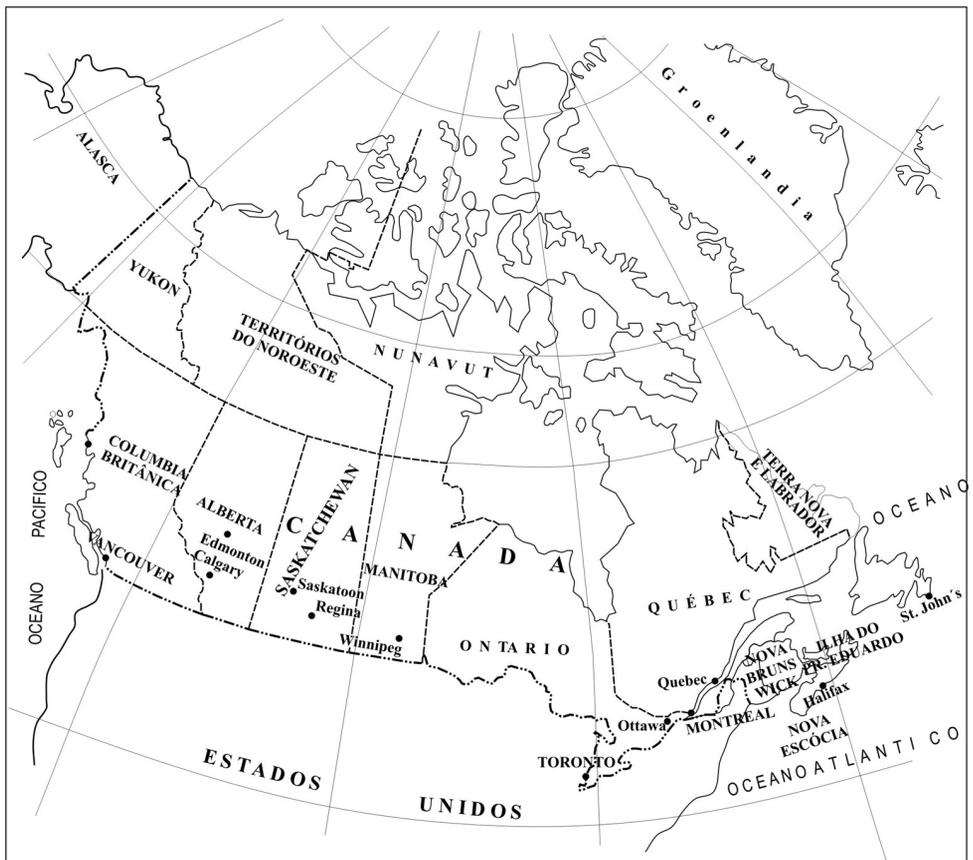


Figura 1 – Canadá: suas províncias e a capital federal

Fonte: Constituído pelo autor com base em mapa constante de atlas
(desenhado por Gilberto Donizete Henrique)

Além de levantar a “língua materna”, ou seja aquela que a pessoa aprendeu a falar com a mãe em sua primeira infância, utilizando-a habitualmente ao menos nessa fase da vida, o censo canadense apura também várias outras facetas dos hábitos lingüísticos da população, entre os quais a “língua falada em casa” pelos recenseados na época da entrevista, sendo pois uma variável apontando o comportamento atual. (Esses e os demais quesitos lingüísticos são apurados numa base amostral de 20%, tomando um em cada cinco domicílios visitados.)

O levantamento pelo segundo critério apurou que 18.267.825 pessoas (61,6%) na ocasião do censo falavam apenas inglês em casa, 5.861.130 (19,8%) apenas o francês e meros 1.641.530 (5,5%) apenas alguma outra língua, dentre as aborígenes e as de imigrantes. Somando-se a essas pessoas as que falam as línguas em questão de modo não exclusivo, mas em maior escala que outras (*mostly*), temos o seguinte quadro: 19.774.805 (66,7%) falam em casa só ou sobretudo inglês, 6.447.585 (21,8%) só ou sobretudo francês e 2.888.565 (9,7%) só ou sobretudo outra língua. Comparando-se esses dados com os de língua materna nota-se, de modo inequívoco, a passagem de muitas pessoas que não tinham o inglês como língua materna rumo a essa língua, desde a mais tenra idade até a fase atual (que inclui também, obviamente, os ainda pequenos). Isso ocorreu sobretudo com o grupo "de outras línguas", mas também com os francófonos, em que pese seu idioma também ser oficial, embora esse estatuto tenha sido obtido, de modo pleno, apenas em época um tanto recente, após árduas lutas dessa comunidade. Tal evolução também foi comum em Estados hoje oficialmente bilíngües na Europa.

O inglês e o francês são línguas oficiais de modo territorializado. Como é sabido, o Canadá é uma federação composta por dez unidades federadas correspondendo aos *estados* brasileiros, lá designadas *províncias*, havendo ainda três territórios federais. A situação é a seguinte:

- Na província de Québec, somente o francês é língua oficial;
- A província de Nova Brunswick e a capital federal, Ottawa, respectivamente confinantes com a província de Québec a leste e sudoeste, são oficialmente bilíngües, ou seja todos os documentos oficiais devem ser expedidos tanto em inglês como em francês, valendo o mesmo para avisos públicos, tais como placas de ruas e estradas, podendo os cidadãos usar qualquer das duas línguas, à sua escolha, no trato com a administração pública. O bilingüismo também é oficial nos próprios federais localizados em qualquer parte do Canadá, tais como os extensos parques nacionais no Oeste.
- No restante do Canadá, apenas o inglês é oficial.

A tabela 1 traz a distribuição dos falantes nos espaços acima definidos (sem considerar os próprios federais referidos, impossíveis de apurar em separado, e que, de resto, têm poucos moradores fixos).

A repartição geográfica das duas línguas oficiais através do país deriva do processo de colonização e povoamento que conheceu, no qual atuaram, nem sempre ao mesmo tempo, a Grã-Bretanha e a França, compreendendo avanços e recuos, muitas vezes de caráter bélico. A divisão em regiões lingüísticas oficiais mascara um entrecortamento territorial de faixas ou bolsões de uma língua em província na qual a outra é oficial, não faltando também áreas caracterizadas por bilingüismo, com habitantes que praticam o inglês, outros o francês, além de uma minoria de pessoas que emprega ambas. A própria ilha de Montréal, compreendendo a grande metrópole do Canadá Francês e seus subúrbios mais próximos, ilustra a situação: a parte mais a noroeste é basicamente de língua francesa e a mais a sudeste de língua inglesa. Como o bilingüismo oficial do Canadá tem sido muito explorado na bibliografia especializada, conta-se com boas informações sobre a questão ora em foco, como as propiciadas pelos trabalhos de Cartwright e Williams (1982), Sanguin (1990) e Kaplan (1994), que inclusive trazem cartogramas mostrando em detalhe a distribuição geográfica das zonas lingüísticas.

Tabela 1 – Distribuição dos falantes pelas regiões do Canadá definidas pelas línguas oficiais - 2001

Língua	Forma de utilização	Número de falantes (em milhares) *			
		Província de Québec	Província de Nova Brunswick	Cidade de Ottawa (cap. federal)	Restante do país
Inglês	l. materna	572 (8,0%)	465 (64,7%)	497 (62,5%)	15.817 (75,3%)
	em casa: preferencial ou exclusiva	700 (9,8%)	493 (68,6%)	592 (74,5%)	17.989 (85,7%)
	em casa: exclusiva	480 (6,7%)	465 (64,7%)	516 (65,0%)	16.805 (80,0%)
Francês	l. materna	5.788 (81,2%)	236 (32,9%)	133 (16,8%)	544 (2,6%)
	em casa: preferencial ou exclusiva	5.862 (82,3%)	215 (29,9%)	98 (12,4%)	271 (1,3%)
	em casa: exclusiva	5.484 (77,0%)	175 (24,3%)	58 (7,3%)	143 (0,7%)
Outras	l. materna	709 (10,0%)	11 (1,7%)	148 (18,7%)	4.332 (20,6%)
	em casa: preferencial ou exclusiva	421 (5,9%)	4 (0,7%)	83 (10,6%)	2.378 (11,3%)
	Em casa: exclusiva	239 (3,4%)	2 (0,3%)	43 (5,5%)	1.356 (6,5%)
POPULAÇÃO TOTAL **		7.125 (100%)	719 (100%)	795 (100%)	20.998 (100%)

Fonte: Censo do Canadá, 2001. * Arredondamento por supressão das três últimas casas. Porcentagens calculadas sobre as cifras não arredondadas. ** Os totais podem não bater por corresponderem à soma das parcelas antes do arredondamento e por incluírem situações minoritárias, não contempladas em nenhuma linha, como bilingüismo de língua materna ou de trilingüismo habitual no uso caseiro.

Apesar do que foi visto a respeito do entremeado de zonas lingüísticas em escala micro e mesorregional, é de notar que a divisão lingüística oficial, seguindo os limites das províncias e da capital, prevalece para a maioria das questões. Um bom exemplo é dado pela cidade de Hull (e subúrbios), na província francófona de Québec, mas praticamente "encostada" na bilingüe capital Ottawa, ficando a apenas algumas quadras e uma ponte do centro comercial dessa. A distribuição lingüística em Hull é aproximadamente oposta à verificada em Ottawa, tendo maioria francesa, mas razoáveis 12,9% de moradores com língua materna inglesa, 14,8% que a falam em casa de modo exclusivo ou prioritário, 10,2% de modo exclusivo. A eles não é dado o privilégio do bilingüismo que beneficia a minoria de língua francesa na capital federal, de semelhante proporção, o que se expressa, entre outros fatos, nas placas de ruas e avisos nos ônibus urbanos apenas em francês. Aliás, o fato de predominarem francófonos em Hull (que totalizava 255 mil habitantes em 2001, incluindo os subúrbios) parece indicar sua preferência por um lado da área metropolitana que é somente sua. É de salientar que a legislação referente às línguas oficiais do Canadá é muito rígida, até em aspectos facilmente perceptíveis a visitantes. Assim, produtos industriais, fabricados no país, devem ter indicações e instruções nas duas línguas, e na francófona província de Québec não se admitem *outdoors* comerciais em outra línguas que não seja o francês; em informações escritas destinadas a turistas poderá aparecer também o inglês, mas ao lado de outras línguas, tais como alemão e espanhol, para caracterizar que àquele está sendo dado tratamento de língua estrangeira na província. (Qualquer semelhança com a Bélgica não é mera coincidência!) Aliás, a fixação do francês como única língua oficial do Québec decorreu de um processo sinuoso, cheio de controvérsias, em que se defrontaram a maioria francófona da província, a minoria anglófona, o governo provincial e o federal (STEVENSON, 2003).

A tabela 1 mostra que nos dois espaços oficialmente bilingües (Nova Brunswick e Ottawa) predomina de modo acentuado o inglês, sendo que na capital federal, comparando-se as cifras referentes a língua materna com a de falantes ativos (uso atual, em casa) nota-

se que o francês ali se mantém mal; em Nova Brunswick sua persistência é melhor. Diante do exposto com relação a Ottawa e a pouca importância de Nova Brunswick no contexto de línguas de imigrantes que pretendemos examinar (veja-se a pequena participação de falantes de "outras línguas"), pareceu adequado juntar a capital e essa pequena província ao "restante do país", rotulando-o de Anglo-Canadá. Fazemo-lo pelo caráter prático do termo, sem querer desprezar a minoria francófona dos dois espaços. Assim sendo, as análises referentes às línguas de imigrantes tomarão como contexto macrorregional básico duas grandes unidades territoriais: a província de Québec, como essência do Canadá Francês e o Anglo-Canadá, compreendendo todas as outras partes do país. Essa repartição dual do enfoque está sendo empreendido partindo-se do princípio que questões vitais para as línguas de imigrantes, tais como sua maior ou menor preservação, a maior ou menor assimilação dos falantes originais às línguas oficiais, pode ser completamente diferente em cada um dos dois contextos.

A PREFERÊNCIA DE LOCALIZAÇÃO DOS IMIGRANTES EM FUNÇÃO DE PARENTESCO LINGÜÍSTICO

Uma primeira questão que pode ser assumida é que os imigrantes preferem o contexto territorial lingüístico com o qual sua língua de origem tenha mais afinidade. Isso será detalhado pela tabela 2, na qual os imigrantes recenseados serão alinhados por países de origem, agrupados por língua neles falados e respectivos ramos lingüísticos. Nessa tabela, tomar-se-ão apenas os países que por suas línguas, por raciocínio dedutivo, possam ter alguma influência sobre a decisão: o inglês e, por extensão, outras línguas germânicas, o francês e, por extensão, outras línguas românicas (também chamadas *latinas* ou *neo-latinas*). Serão apresentados os totais por país e detalhados os fixados na província de Québec, sendo claro que a diferença entre esses e o total corresponde aos fixados no Anglo-Canadá. No total de imigrantes, a província de Québec é residência de 13,0% deles. Avaliaremos então a porcentagem de cada grupo de origem com relação a esse índice, já que valores mais elevados indicam uma preferência superior à média pela província francófona de Québec e os mais baixos pelo Anglo-Canadá. Como na província de Québec a esmagadora maioria dos imigrantes (88%) acha-se fixada em Montreal, ao contrário do Anglo-Canadá, em que os destinos são bastante diversos, incluindo cidades de todo o tamanho e o meio rural, a tabela repetirá o procedimento para o conjunto formado pelas duas grandes metrópoles do país – Toronto, anglo-canadense, e Montreal, franco-canadense, igualmente destacando a última, com o mesmo raciocínio comparativo. Dentre os imigrantes, de todas as procedências, que se fixaram em uma das duas, 23,4% foram recenseados em Montreal, tomando-se então esse índice de corte para definir presenças acima ou abaixo da média geral nessa metrópole. Para salientar melhor o fato em questão índices acima do valor médio serão representados, na tabela, em **negrito** e os abaixo dele em *itálico sublinhado*.

Tabela 2 – Canadá, 2001 – Imigrantes de países lingüisticamente aparentados às línguas oficiais canadenses por país de nascimento

País de nascimento	Milhares de pessoas *	
	Província de Québec/ Todo o Canadá	Montreal/conjunto das duas grandes áreas metropolitanas
1 A – Países em que o francês é língua oficial e de uso generalizado		
França	50,1/69,4 = 72,1%	35,4/41,0 = 86,5%
Bélgica	8,4/19,7 = 42,9%	5,5/7,5 = 73,7%
Suíça	5,7/20,2 = 28,6%	2,6/5,1 = 50,9%
Total da categoria **	65,0/110,5 = 58,9%	44,0/54,3 = 81,1%
1 B – Países em que o francês é ou foi língua oficial, mas não de uso generalizado		
Haiti	47,8/52,6 = 90,9%	45,0/45,8 = 98,4%
Síria	8,3/15,6 = 53,2%	8,2/11,7 = 70,3%
Líbano	28,7/67,2 = 42,7%	26,4/37,0 = 71,4%
Argélia	16,6/19,1 = 86,9%	15,1/15,9 = 95,5%
Marrocos	20,1/24,6 = 81,9%	18,8/21,5 = 87,3%
Tunísia	3,5/4,7 = 74,0%	3,0/3,6 = 83,7%
Costa do Marfim	0,9/1,2 = 74,0%	□
Guiné-Conacy	0,8/1,0 = 78,3%	□
Senegal	1,0/1,4 = 72,8%	□
Burundi	1,1/2,1 = 51,7%	0,7/1,0 = 65,3%
Madagascar	1,5/1,8 = 85,0%	1,4/1,5 = 95,1%
Ruanda	1,4/2,3 = 61,1%	0,7/1,0 = 73,7%
Congo, Rep. Dem.	4,8/8,3 = 57,8%	4,2/5,4 = 77,9%
Camboja	8,0/18,7 = 42,9%	7,3/10,5 = 69,7%
Laos	3,6/14,1 = 25,8%	3,1/6,3 = 48,9%
Vietnam	22,8/148,4 = 15,4%	21,2/73,8 = 28,8%
Total da categoria **	173,9/387,7 = 44,9%	159,8/240,4 = 66,5%
1 C – Países em que outra língua românica é oficial e (ou só) de uso generalizado		
Itália	69,4/315,4 = 22,0%	67,0/206,0 = 32,5%
Portugal	22,5/153,5 = 14,6%	19,6/98,5 = 19,9%
Brasil	1,9/11,7 = 16,4%	1,5/6,2 = 24,9%
Espanha	4,3/10,2 = 42,0%	3,7/6,3 = 58,6%
México	4,3/36,2 = 11,9%	3,3/7,7 = 43,5%
Costa Rica	0,5/2,2 = 26,0%	0,4/1,0 = 44,6%
El Salvador	9,3/38,4 = 24,2%	8,2/17,3 = 47,6%
Guatemala	4,4/13,6 = 32,6%	4,0/7,5 = 53,2%
Honduras	1,8/4,3 = 42,1%	1,6/2,2 = 73,1%
Nicarágua	1,4/9,3 = 14,9%	1,2/4,0 = 30,3%
Panamá	0,7/2,4 = 29,1%	0,6/1,7 = 38,1%
Cuba	1,3/4,9 = 28,1%	1,2/3,0 = 39,9%
Rep. Dominicana	2,7/4,9 = 54,6%	2,3/3,8 = 61,0%
Argentina	2,4/12,0 = 20,5%	2,3/7,9 = 29,5%
Bolívia	0,5/2,2 = 24,8%	0,4/1,1 = 42,7%
Chile	7,3/24,4 = 30,0%	6,6/13,8 = 48,4%
Colômbia	4,3/15,5 = 28,2%	3,2/9,5 = 34,4%
Equador	0,7/10,9 = 6,7%	0,6/9,8 = 6,6%
Paraguai	□ / 4,9 = 1,0%	□
Peru	6,5/17,1 = 38,2%	6,0/12,2 = 49,6%
Uruguai	1,3/6,0 = 22,1%	1,2/4,8 = 25,4%
Venezuela	2,4/7,0 = 34,8%	2,2/4,6 = 47,6%
Romênia	14,5/60,1 = 24,1%	13,1/33,9 = 38,6%
Moldávia	0,3/2,3 = 15,6%	0,3/1,6 = 20,4%
Total da categoria **	165,9/771,9 = 21,5%	151,8/466,6 = 32,5%

cont.

cont.

2 A – Países em que o inglês é língua oficial e de uso generalizado		
Reino Unido	17,5/606,0 = 2,9%	14,4/157,4 = 9,2%
Irlanda	0,8/25,8 = 3,1%	0,6/8,8 = 7,5%
Estados Unidos	25,2/237,9 = 10,6%	15,1/52,9 = 28,7%
Belize	□ /1,3 = 2,5%	□
Antigua e Barbuda	0,2/2,2 = 11,5%	0,2/1,6 = 15,6%
Bahamas	□ /1,1 = 6,7%	□
Barbados	2,6/14,6 = 18,1%	2,5/10,5 = 24,0%
Bermuda	□ / 1,7 = 2,5%	□
Grenada	1,1/8,2 = 13,2%	1,1/6,7 = 16,3%
Jamaica	5,8/120,2 = 4,9%	5,7/97,9 = 5,9%
St. Kitts e Nevis	0,2/2,4 = 9,2%	0,2/1,9 = 12,0%
St. Vinc. & Grenadines	1,7/8,2 = 21,4%	1,7/6,8 = 25,4%
Trinidad Tobago	4,6/64,1 = 7,2%	4,4/48,1 = 9,2%
Guiana	3,1/83,5 = 3,8%	3,0/70,0 = 4,3%
Austrália	0,5/16,0 = 3,2%	0,4/3,5 = 12,2%
Nova Zelândia	0,1/8,6 = 2,0%	0,1/1,2 = 10,2%
Total da categoria **	64,4/1.203,3 = 5,4%	50,3/469,9 = 10,7%
2 B – Países em que o inglês é ou foi língua oficial, mas não de uso generalizado		
Malta	□ /9,4 = 0,5%	□/5,8 = 0,4%
Chipre	0,4/4,3 = 10,0%	0,4/2,6 = 15,9%
Egito	14,8/35,9 = 41,2%	14,1/26,6 = 53,3%
Sudão	0,3/6,7 = 4,5%	0,2/2,7 = 9,3%
Bahrein	□ /1,2 = 2,9%	□
Iraque	2,3/25,8 = 9,2%	2,0/13,1 = 15,7%
Jordânia	0,8/4,8 = 17,4%	0,8/2,8 = 28,6%
Kuwait	1,4/9,0 = 16,4%	1,4/4,5 = 31,7%
Qatar	0,2/1,0 = 22,2%	□
Emirados Árabes	0,7/6,1 = 12,1%	0,7/4,2 = 16,9%
Palestina	1,1/5,4 = 21,1%	1,0/3,2 = 33,7%
Israel	3,6/15,9 = 22,6%	3,5/12,9 = 27,6%
Hong Kong	5,5/235,6 = 2,3%	5,3/116,0 = 4,6%
Brunei Darussalam	□ /4,3 = 0,2%	□
Malásia	0,6/20,4 = 3,2%	0,6/7,6 = 8,0%
Mianmar	0,1/3,6 = 5,3%	0,1/1,6 = 11,5%
Filipinas	13,6/232,6 = 5,8%	13,2/116,3 = 11,3%
Cingapura	0,1/9,2 = 1,3%	0,1/3,1 = 3,7%
Bangladesh	5,2/21,5 = 24,1%	5,1/17,0 = 30,1%
Índia	14,5/314,6 = 4,6%	14,0/161,1 = 8,7%
Paquistão	6,6/79,3 = 8,3%	6,5/57,7 = 11,3%
Sri Lanka	9,3/87,3 = 10,7%	9,3/78,1 = 12,0%
Fiji	□ /22,3 = 0,2%	□ / 2,0 = 1,7%
Gana	1,7/16,1 = 10,8%	1,7/12,8 = 13,4%
Nigéria	0,5/8,8 = 5,7%	0,4/5,5 = 8,3%
Quênia	0,5/19,8 = 2,9%	0,5/9,4 = 5,5%
Somália	0,6/18,6 = 3,2%	0,5/9,9 = 5,3%
Tanzânia	0,4/19,3 = 2,5%	0,4/9,9 = 4,1%
Uganda	0,3/10,7 = 2,8%	0,2/4,4 = 1,7%
Zâmbia	0,1/2,1 = 4,6%	□ /1,0 = 9,1%
Zimbabwe	0,1/3,4 = 5,1%	0,1/1,0 = 13,6%
África do Sul	0,7/34,9 = 2,0%	0,5/13,4 = 4,3%
Total da categoria **	87,7/1.296,4 = 6,7%	84,4/711,2 = 11,9%

cont.

cont.

2 C – Países em que outra língua germânica é oficial e (ou só) de uso generalizado		
Austria	1,9/22,1 = 8,6%	1,5/7,2 = 21,8%
Alemanha	12,2/174,5 = 7,0%	8,4/39,6 = 21,3%
Holanda	2,6/117,6 = 2,2%	1,8/14,4 = 12,9%
Dinamarca	0,3/17,8 = 2,0%	0,2/2,7 = 9,5%
Noruega	0,3/6,1 = 5,6%	□
Suécia	0,3/6,8 = 4,7%	0,2/1,7 = 15,5%
Finlândia	0,4/14,0 = 2,8%	0,3/3,0 = 10,6%
Total da categoria **	18,2/359,9 = 5,1%	13,0/67,4 = 19,3%
TOTAL GERAL ***	706,9/5.448,4 = 12,3%	621,8/2654,8 = 23,4%

Fonte: Censo do Canadá de 2001. * - Arredondamento por supressão das duas últimas casas. Totalizações e cálculos de porcentagens a partir das cifras não arredondadas. ** Inclui países não arrolados ou não contabilizados isoladamente, por apresentarem valores totais inferiores a 1.000. % - Valores abaixo de 100. *** Total geral de imigrantes, incluindo categorias não contempladas na análise.

A tabela 2 confirma um resultado bastante esperado: os diferentes grupos de imigrantes, em termos relativos, fixaram-se preferencialmente na parte do Canadá com a qual têm maior afinidade lingüística, diminuindo o grau da opção de acordo com a redução do grau de afinidade. Assim, examinando, em termos gerais, temos que a fixação em Québec é de 58,9% por parte do conjunto de nacionais de países em que o francês é língua oficial e de uso generalizado, de 44,9% daqueles em que é ou foi oficial, mas não de uso generalizado (não é muito falado em âmbito familiar, entre outros empregos) e de 21,5% dos que em sua pátria de origem utilizavam outra língua românica, ou seja, do mesmo ramo lingüístico do francês. Note-se que todas as três categorias apresentam valores percentuais acima da média de 12,3%. Já as três categorias relativas à língua inglesa ou do mesmo ramo lingüístico dela aparecem com índices globais abaixo dessa média geral, embora sem o referido caimento (5,4%, 6,7% e 5,1%, respectivamente), indicando, pois, preferência abaixo da média pelo Québec, em favor do lingüisticamente aparentado Anglo-Canadá. Ressalvadas certas exceções (mais do lado do inglês que do francês), a tendência comentada verifica-se também em nível dos países tomados isoladamente.

De certa forma é até digno de nota que os nacionais de países com outras línguas dos ramos românico e germânico sejam atraídos, em proporção superior à média, às partes do Canadá falantes de francês e de inglês, respectivamente. É que, embora até certo ponto parecidas com esses idiomas, tendo sistemática gramatical semelhante, o francês e as outras línguas românicas não são mutuamente compreensíveis, ocorrendo o mesmo entre o inglês e as demais línguas germânicas. No entanto, devido às apontadas similaridades, é mais fácil aos imigrantes aprender outra língua do mesmo ramo que alguma que não o seja, o que favorece seu entrosamento no novo país. Isso deve ter influenciado a opção, nem sempre a inicial no novo país, eis que o censo se reporta ao local em que o imigrante estava por ocasião de sua inquirição, não o de sua entrada no Canadá. Outros fatores por certo também pesam, como a percepção, fundada ou não, que os imigrantes podem ter de maior ou menor *distância cultural* entre si e o povo hospedeiro no local de destino. No caso dos franceses, é provável que sua acentuada preferência pela província de Québec também derive dos laços históricos entre ela e a França, eis que é a única ex-colônia desse país em que se formou e preservou grande núcleo de francófonos.

Na opção por Montreal ou Toronto, mantém-se, em linhas gerais, o padrão supra de preferência baseada em afinidade lingüística, até com caimento regular entre as médias das categorias 1A a 3A e o inverso entre as das categorias 2A a 3ª. No entanto, é de notar o maior número de exceções no lado dos imigrantes de língua inglesa, com vários países em

que a procura pela área metropolitana de Montreal é acima da média, o que por certo se relaciona ao fato de lá ocorrer certo bilingüismo, eis que 26,2% da população local fala inglês em casa ao menos com alguma frequência (*regularly*). Já na Grande Toronto não se verifica o inverso, pois apenas 1,8% de seus habitantes fala o francês nas citadas circunstâncias, seguramente dificultando eventual atração de imigrantes francófonos.

Na imigração acima da média de francófonos à província de Québec contou também um fator político. Nas palavras de Gidengil e outros (2003, p. 422 e 426): "O Quebec tem ganhado um controle cada vez maior sobre a imigração na província, a proporção de imigrantes falantes de francês tem aumentado [...]"; "[...] no começo dos anos 90, o governo do Quebec fez grandes esforços para a aumentar a proporção de imigrantes vindos de países de língua francesa". Durante esse período melhorou a predisposição da população quebequense com relação aos imigrantes, visto que a proporção dos que "desejam a admissão de menos imigrantes" caiu de 65% em 1988 a 37% em 2000, índices mais favoráveis a eles que nas demais áreas do Canadá (GIDENGIL et al, 2003, p. 427).

AS LÍNGUAS DE IMIGRANTES NO ANGLO-CANADÁ

Como foi visto, ocorre acentuada correlação entre afinidade lingüística e o espaço de fixação dos imigrantes. É de supor, então, que essa afinidade também influa no grau de persistência das línguas de imigrantes em cada um dos dois espaços do Canadá. É o que será visto a seguir. É claro que agora não serão mais abrangidos os imigrantes que usam o inglês ou francês de modo corrente, já que esta pesquisa enfoca especificamente as línguas de imigrantes *stricto sensu*, ou seja, aquelas que não correspondem aos idiomas oficiais do país. A pesquisa agora passará a incluir também línguas de ramos não afins a nenhuma das duas línguas oficiais do país, tais como húngaro, árabe, russo e chinês, por exemplo. Vejamos inicialmente a situação no Anglo-Canadá, relacionando origem étnica, língua materna e língua falada em casa. A questão será detalhada na tabela 3.

Serão levantadas as seguintes variáveis, possibilitadas pelo censo de 2001:

- a) Número de imigrantes procedentes dos países em que a língua é de uso corrente, de apuração um tanto problemática no caso de países plurilíngües, o que procuramos contornar da melhor forma possível, chegando a eliminar o exame de casos em que a situação se afigurasse impossível de definir com um mínimo de precisão;
- b) Período de maior afluência desses imigrantes. Quando sua vinda não se concentrava em apenas uma década em mais de 50%, somamos as com maiores incidências, cronologicamente seqüentes, até obter índice superior a esse percentual. O levantamento dessas duas variáveis destina-se a avaliar eventual relação entre persistência da língua e a maior ou menor também de outros, em geral anteriores, já falecidos, fato não apurável pelos dados censitários atuais.
- c) Número de pessoas que, em resposta a pergunta formulada no censo, declararam pertencer a uma "origem étnica" ligada a determinada língua. Nesse quesito, que foge um tanto ao conceito de etnia, algumas formulações de resposta apontam realmente para povos falantes de determinadas línguas (e/ou caracterizados por religião, hábitos etc.), a exemplo de hispânico, basco, judeu e cigano, mas a maioria das respostas apontam para o país de origem próxima ou remota da família, tal como Espanha e México, por exemplo, possibilitando através de somas chegar ao total de pessoas que, descendentes de imigrantes, além dos próprios imigrantes, são direta ou hereditariamente ligados a uma língua. Esse quesito permitiu aos respondentes optar por múltiplas respostas, o que no caso de descendentes de casamentos mistos lhes possibilitou declinar cada uma das linhagens lingüísticas envolvidas. Os resultados publicados desse quesito permitiram

distinguir para cada "etnia" o número de pessoas que indicou apenas uma e os que optaram por resposta múltipla, mas não nos pareceu interessante explorar essa distinção, já que uma das opções de resposta é *canadense* (com grande número de indicações), o que pode significar que alguém que apontou conjuntamente com alemão, por exemplo, pode tê-lo feito porquê parte de seus antepassados seja anglo ou franco-canadense, ou porquê seus pais e/ou avós, etc., mesmo que de origem inteiramente alemã, já tenham nascido no Canadá.

- d) Número de pessoas para as quais a língua em questão é (no caso de crianças) ou foi materna.
- e) Número de pessoas que falam a língua em casa pelo menos com alguma frequência (*regularly*) e
- f) Número de pessoas que em casa falam apenas a língua considerada.

Com base nas quatro últimas variáveis, formulamos três índices destinados, a saber:

ITE – *Índice de transmissão da etnofonia*⁴– relacionando o número de pessoas que têm sua língua étnica como materna com o de pessoas que declararam pertencer a essa etnia, seja de modo exclusivo, seja compartilhado. Ou seja, uma pessoa que descenda, por exemplo, de pai alemão e mãe italiana, declarando ambas as etnias ao censo, figurará no universo computado para uma e para a outra. Optamos pelo termo *transmissão* porquê indica a passagem da língua da geração anterior à pessoa recenseada;

IPE – *Índice de persistência da etnofonia* – relacionando o número de pessoas que falam a língua em casa com os que a declararam como materna. Indica a continuidade ou mesmo incremento no uso da língua ao longo da vida dos inquiridos;

IUEC – *Índice de uso exclusivo da língua étnica em casa* – relacionando os que têm esse hábito com o total dos que declararam falar a língua em casa, com ou sem exclusividade.

Os três índices propostos podem ser rotulados, de modo genérico como *índices de etnofonia*. Para que eles sejam expressos por números inteiros, sempre mais palpáveis, multiplicamos as cifras referentes à primeira variável exposta nas explicações supra por 100, que, no entanto, apenas para o IUEC representam realmente porcentagens em termos aritméticos ortodoxos (parte de um todo), enquanto nos outros, embora geralmente haja boa aproximação a isso, a relação não é total. Assim, por exemplo, uma pessoa que tenha tido apenas inglês como idioma materno, pode posteriormente passar a falar também alguma outra língua habitual em sua família. No caso de línguas orientais tal fato parece ter ocorrido bastante no Anglo-Canadá, resultando até em índices superiores a 100.

⁴ Etnofonia = emprego da língua correspondente à etnia do falante

**Tabela 3 – Anglo-Canadá (Canadá exceto Québec), 2001:
Imigrantes, etnias e línguas**

Etnia e língua	a. Imigrantes dos países correspondentes (mil)	b. Principal período de entrada (décadas) *	c. Pessoas da etnia (mil)	d. Língua materna de (mil)	ITE ** 100 d/c	e. Língua falada em casa por (mil)	IPE** 100 e/d	f. L. f. em casa de modo exclusivo por (mil)	IUEC ** % f/e
GERMÂNICAS									
frísio			3,1	3,1	100,0		1,1	36,5	□ 6,4
holandês	115,0	a61:67,5%	908,4	125,4	13,8	44,5	35,5	3,6	8,2
dinamarquês	17,4	a61:63,5%	167,4	17,7	10,6	5,0	28,6	0,3	6,2
norueguês	5,7	a61:60,9%	359,1	8,4	2,3	1,8	22,3	0,1	6,1
sueco	6,4	distribuído	278,2	8,5	3,0	3,3	38,8	0,2	7,4
islandês	0,4	distribuído	74,4	2,0	2,7	0,3	17,0	□	11,4
alemão	182,0	a61:56,7%	2.794,3	420,3	15,0	210,1	49,9	46,9	22,3
ídiche			266,1	19,4	7,3		3,5	18,0	0,3
ROMÂNICAS									
português	137,7	61-80:63,8%	316,7	180,4	56,9	157,4	87,2	54,5	35,1
espanhol	170,5	81-01:73,2%	313,9	175,3	55,8	180,4	102,8	51,3	28,4
italiano	246,0	a71:85,3%	1.023,1	344,7	33,7	267,9	77,7	77,1	28,7
romeno	47,6	91-01:58,1%	112,3	38,2	34,0		86,9	11,7	35,2
OUTRAS OCIDENTAIS UTILIZANDO ALFABETO LATINO									
polonês	164,8	81-01:63,7%	770,0	191,2	24,8	149,9	78,4	48,3	32,2
tcheco e eslovaco	36,4	a71:53,6%	155,0	39,1	25,2				
tcheco				23,0		14,2	61,7	2,5	17,6
eslovaco				16,0		9,2	57,7	2,3	25,3
línguas da ex-Iugoslávia	135,7	distribuído	279,1	143,7	51,5				
esloveno				11,9		6,6	55,6	1,2	18,7
serbocroata				23,0		20,8	90,6	8,1	39,0
sérvio ***				39,5		38,5	96,8	15,9	41,5
croata				52,5		42,5	81,1	10,1	23,7
macedônio ***				16,8		14,3	85,3	3,5	24,6
lituano	6,0	a61:71,0%	32,4	7,8	24,2	4,6	59,3	1,3	29,2
letão	7,1	a61:66,9%	21,3	7,7	36,3	4,4	57,0	1,0	23,0
estoniano	6,0	a61:77,4%	21,4	8,4	39,3	5,0	59,9	1,2	24,6
finlandês	13,6	a61:52,8%	112,5	21,9	19,4	10,4	47,5	2,2	21,1
húngaro	43,1	a61:55,4%	250,7	68,2	27,2	39,7	58,3	10,3	26,0
turco	12,3	81-01:69,3%	19,2	13,0	67,7	12,3	94,6	4,0	32,6
maltês	9,3	a71:74,2%	32,6	25,1	77,1	4,7	64,6	0,6	13,8
galês			342,9	1,5	0,4	0,3	23,4	□	22,9
OCIDENTAIS UTILIZANDO OUTROS ALFABETOS									
bielorusso	3,7	91-01:71,4%	4,6	0,4	10,0	0,1	35,4	□	42,4
ucraniano	47,7	distribuído	1.047,0	142,9	13,6	64,3	44,9	13,3	20,7
russo	42,0	91-01:66,7%	315,3	82,1	26,0	74,3	90,5	31,8	42,8
búlgaro	7,1	91-01:80,1%	12,3	7,1	58,1	6,3	88,4	2,3	36,4
grego	53,2	a71:69,9%	156,4	78,3	50,0	74,0	94,5	17,7	23,9
armênio	0,8	91-01:74,3%	21,6	13,4	61,9	12,2	91,4	4,1	33,4
ORIENTAIS									
árabe	138,9	91-01:56,7%	203,2	123,6	60,8	123,6	102,3	38,6	30,5
hebraico				9,4		11,7	123,7	1,7	15,3
persa e pachto	83,5	91-01:75,8%	102,4	88,1	86,0				
persa				83,6		81,4	97,4	36,8	45,2
pachto				4,5		4,7	105,2	2,2	47,7
chinês	609,4	91-01:57,7%	1.048,8	809,9	77,2				
cantonês				316,1		339,1	107,2	186,0	54,8
mandarim				97,7		106,6	109,0	52,0	48,8
hakka				4,4		3,5	78,5	0,9	25,6
coreano	67,5	91-01:60,6%	97,2	81,9	84,3	80,1	97,8	42,7	53,3
japonês	16,9	distribuído	82,0	33,4	40,7	29,1	87,3	9,8	33,6
cambojano	10,6	81-91:63,6%	11,4	8,5	74,9	8,4	98,2	2,9	35,1
laociano	10,4	71-91:87,6%	11,7	8,6	73,2	8,9	103,2	3,2	36,8
tailandês	6,7	81-91:51,3%	5,9	3,3	55,4	2,8	84,6	0,5	20,1
vietnamita	125,5	71-01:99,6%	123,4	100,4	81,5	106,3	105,9	51,9	48,8
tagalog [filipino]	219,0	91-01:52,1%	307,5	164,5	53,4	174,3	105,9	34,5	19,8

cont.

cont.

Línguas do subcontinente indiano	467,1	91-01:63,0%	879,1	578,8	65,8				
bengali				22,6		22,6	99,7	8,6	38,3
gujarati				51,7		54,0	104,4	15,6	28,9
hindi				54,4		63,2	116,1	13,5	21,4
konkani				1,9		1,6	84,6	0,2	12,5
marathi				2,7		2,3	85,4	0,2	11,5
pundjabi				261,3		270,1	103,3	127,0	47,0
sindhi				9,5		9,9	103,4	2,0	20,8
urdu				74,8		82,2	109,8	27,7	33,7
cingalês				6,5		6,1	93,9	1,1	19,1
kannada				1,5		1,4	94,0	0,1	12,7
malayalam				6,7		6,3	93,6	1,1	17,7
tamil				80,9		85,2	105,3	38,6	45,3
telugu				3,7		3,4	92,3	0,8	25,2
MÉDIA ARITMÉTICA SIMPLES						41,05		78,22	27,09

Fonte: Censo do Canadá de 2001. Arredondamentos dos números absolutos por supressão das dezenas e unidades.

* - a..... - anterior ao ano apontado ** Vide decodificação das iniciais no texto. Os índices foram calculados antes dos arredondamentos. Índices acima da média aritmética figuram em **negrito**, abaixo dela em *itálico sublinhado*. *** - Línguas escritas em alfabeto não latino (cirílico), mas incluídas aqui em razão de agrupamento. % - menos de 100 pessoas.

Iniciando pela apreciação da média aritmética dos índices, parece-nos que já houve boa assimilação entre os grupos tradicionalmente falantes de línguas de imigrantes, já que o índice de transmissão indica que para cada 100 pessoas da etnia (pura ou já miscigenada) menos de 50 tiveram o idioma correspondente como materno. (É claro que nem todos que não falavam seu idioma étnico em sua primeira infância tiveram necessariamente o inglês como materno, sobretudo se filhos de casamentos mistos, mas tudo indica que seja o caso da maioria.) Contudo, o IPE médio, de 78,22 indica boa persistência da etnofonia em relação aos que receberam a língua em sua meninice, enquanto o IUEC relativamente baixo (27,09) aponta novamente para bom nível de integração lingüística. Isso em termos médios e gerais, já que a situação de cada língua é muito peculiar, embora entre algumas delas se notem certas semelhanças. Nesse ponto, podemos vislumbrar os fenômenos que comentaremos a seguir.

1. À maior antigüidade da presença de certo contingente etnolingüístico correspondem índices de etnofonia relativamente baixos, por certo resultantes de assimilação à língua do país no decorrer das décadas. Essa antigüidade não é indicada apenas pela época de chegada dos atuais imigrantes (coluna b), mas também pela relação entre o contingente étnico atual (coluna c) e o número de imigrantes (coluna a), já que o primeiro, conforme já referido, inclui não apenas esses e seus descendentes, mas também os descendentes dos já falecidos, eventualmente vindos há muito mais tempo. Enfim, quanto maior o número dos étnicos com relação ao dos imigrantes recenseados, tanto mais antiga a presença da etnia. Retornando ao enunciado no começo do parágrafo, note-se os índices de etnofonia de **holandeses, dinamarqueses, noruegueses, suecos, islandeses, alemães, lituanos, letões, estonianos, finlandeses e húngaros**, todos abaixo da respectiva média aritmética, à exceção do IUE no caso dos lituanos.
2. No conjunto dos grupos etnolingüísticos enumerados no parágrafo anterior, pode-se facilmente perceber uma distinção entre os grafados em **negrito**, com índices muito baixos de etnofonia, e os grafados em *itálico*, com índices mais elevados. Como os primeiros correspondem a idiomas do mesmo ramo lingüístico do inglês (o germânico) e os demais não, somos tentados a interpretar isso como maior e/ou mais rápida assimilação propiciada pela semelhança entre o idioma étnico e a língua da nação hospedeira. Mas, comparando-se o total dos étnicos (coluna c) com o dos imigrantes (coluna a), parece que os marcados em negrito são de

presença mais antiga, dada a acentuada superioridade do primeiro número, bem menos marcante nos em itálico; isso, então, colocaria a interpretação ora ensaiada em xeque, já que a diferença também poderia repousar na presença há maior tempo dessas etnias no país, ou em ambos os fatores. Contudo, os etnicamente finlandeses, falantes de idioma que, além de ser de outro ramo, é de família lingüística diferente do inglês (este indo-europeu, aquele fino-ugriano), com indicativos de antigüidade similar aos etnicamente holandeses e dinamarqueses, de idioma germânico, apresentam índices de etnofonia mais elevados que esses, podendo esse caso, eventualmente, reforçar a tese da assimilação mais ampla e acelerada na ocorrência de tal parentesco lingüístico.

3. Na tabela 3 (a se repetir nas seguintes) formulamos a categoria *línguas ocidentais utilizando outros alfabetos* para testar a hipótese, de insinuação dedutiva, de que a utilização de escrita diferente da latina na língua trazida pelo imigrante pode trazer maior dificuldade para o aprendizado do inglês, com a conseqüente transmissão e persistência maiores da etnofonia. Isso numa primeira fase, já que, depois, uma vez reduzida a etnofonia resultante de maior assimilação lingüística da população étnica à língua do país, o aprendizado da língua étnica por parte dos descendentes já alfabetizados na nova língua será mais difícil pela mesma razão, agora em sentido inverso, provocando nessa segunda fase uma redução na persistência da etnofonia. O fenômeno salta à vista, no Brasil, com relação às pessoas de origem familiar árabe e japonesa, parecendo dar razão à premissa de que o aprendizado de uma língua é mais árduo sem o apoio de um sistema de escrita já conhecido, como recurso áudio-visual, mesmo que o objetivo básico seja a fala. Vejamos o que conseguimos apurar, pela tabela 3, a propósito do Canadá.

Os índices de etnofonia dos povos eslavos orientais (bielorrussos, ucranianos e russos) não permitem uma conclusão mais acurada, pois os dois primeiros povos também falam russo em sua terra natal, o que enviesa a análise. Porém, os índices relativamente elevados apresentados por gregos e armênios⁵ permitem ao menos manter a hipótese em pé.

4. A mesma questão de diferença de sistema de escrita deve ser fator de peso a dificultar a assimilação lingüística dos orientais e seus descendentes no Canadá enquadrados na situação, produzindo graus mais elevados de etnofonia. Dos listados, apenas o vietnamita e o tagalog empregam o alfabeto latino, aliás bastante suplementado por numerosos sinais diacríticos exclusivos, no caso do primeiro. Os demais idiomas do grupo empregam alfabetos cuja diferença formal e sistemática com relação ao latino é muito maior que as línguas citadas no item 3, acima, quando não a escrita ideográfica, fato ocorrente com o chinês, em suas várias formas, e o japonês. A tabela 3 mostra como, de modo geral, as etnias orientais apresentam os mais elevados índices de etnofonia, o que, em parte, pode corresponder à questão que vem sendo levantada. Outro fator que deve pesar é a maior distância cultural em termos de religião e costumes entre elas e os anglo-canadenses, quem sabe também a diferença de aspecto físico, sobretudo no caso dos asiáticos de leste, produzindo maior senso psíquico de diferenciação. Dois dos índices referentes ao tagalog são mais baixos que outras etnias orientais igualmente de imigração recente, fato atribuível a: 1) menor distância cultural entre eles e a população hospedeira, já que em sua maioria são cristãos e tiveram longo convívio com europeus, espanhóis primeiro e anglo-americanos depois, em seu país de origem, 2) utilizarem, conforme adiantado o alfabeto latino, 3) utilizarem bastante o inglês na vida comercial e oficial já nas Filipinas. (Diante disso, seria até de esperar que os índices de etnofonia fossem menores!)

⁵ No caso do grupo etnicamente armênio, a grande discrepância entre *pessoas da etnia* e *imigrantes dos países correspondentes* mostra que a presença dele é bastante antiga, remontando por certo à época da fuga ao genocídio que sofreram na Turquia, em 1915, enquanto os migrantes mais recentes procedem da atual república da Armênia, ex-integrante da União Soviética.

A maior antigüidade na presença de boa parte dos etnicamente japoneses no Canadá deve ter contribuído para que seus índices de etnofonia sejam mais baixos que os da maioria das outras etnias orientais, quase todas de chegada muito recente, o que, por sinal, dificulta a comparação dos respectivos índices de etnofonia com os de etnias ocidentais, quase todas há mais tempo no país.

Cumpre destacar a elevada preservação de etnofonia em numerosos casos, com índices acima de 100, indicando que mesmo pessoas que não aprenderam a língua considerada quando criança, fizeram-no depois, provavelmente em contatos familiares ou grupais. Em grupos étnicos, cujos países de origem são multilíngües, caso de China (em termos de variantes do chinês), Índia e Paquistão, os índices correspondentes ao idioma principal, mais valorizado e oficial (respectivamente mandarim, hindi e urdu), os IPE são um pouco mais elevados que os das outras línguas desses povos, revelando que o *status* superior se transferiu ao Canadá, com pessoas de outra língua materna passando a utilizar também essa, possivelmente tornada *língua franca*, ao lado do inglês, na comunicação entre um chinês e outro, quando um deles ou ambos têm como língua materna outro idioma que não o mandarim, acontecendo o mesmo com os indianos e paquistaneses.

5. A etnia alemã, de implantação muito antiga no Canadá, apresenta índices de etnofonia significativamente mais elevados que os demais grupos de línguas do ramo germânico. O fato de serem a comunidade mais numerosa dentre todas as listados é por certo uma das explicações, consubstanciando o fator *massa crítica*, ou seja uma quantidade de pessoas formando uma comunidade tão grande, que não se sente submersa em meio à população hospedeira, encontrando com maior facilidade outras pessoas para falar em seu idioma, além de haver gente suficiente para embasar a formação de associações que as congreguem. Outros fatores que podem ser levantados como hipótese: o etnocentrismo característico dos alemães e o fato de as demais etnias do ramo germânico já valorizarem bastante o inglês em seus países de origem, a ponto de neles turistas estrangeiros encontrarem muita facilidade para se comunicar com transeuntes nessa língua, o que não se verifica, na mesma escala, nos países de língua alemã.
6. O galês, língua minoritária no Reino Unido, que no próprio País de Gales já vem de há muito perdendo espaço para o inglês, aqui no Canadá naufragou de vez, conforme os ínfimos valores absolutos e relativos de falantes revelam. Outra língua minoritária no país de origem, o frísio, falado em província da Holanda e de modo residual em trechos do norte da Alemanha, apresenta dados curiosos na tabela: parece que apenas aqueles (por sinal poucos) que o tiveram como língua materna se declararam etnicamente frísios, donde o ITE = 100, o que não permite maiores conclusões.

DIFERENTES SITUAÇÕES ATRAVÉS DO ANGLO-CANADÁ

Como o ambiente geográfico influi muito nos hábitos lingüísticos da população, propiciando maior ou menor assimilação ao idioma local, logo menor ou maior etnofonia, vale contrapor realidades diferentes no interior do amplo espaço anglo-canadense. A tabela 4 mostra a desigual distribuição dos *imigrantes de língua estrangeira*, tomados genericamente, através do Anglo-Canadá. Tomamos como tais os imigrantes procedentes de países que não têm o inglês ou o francês como língua oficial e de uso generalizado (categorias 2-A e 1-A da tabela 2, respectivamente). É claro que seria interessante tabular também os habitantes do país pela origem étnica, mas como esse quesito admite respostas múltiplas, recurso fartamente utilizado pelos respondentes, a soma traria resultados irreais. Visando análises a serem empreendidas adiante, a tabela também incluirá o francófono Québec.

Tabela 4 – Canadá, 2001 - Distribuição geográfica dos imigrantes de língua estrangeira

Unidade territorial	a. População	b. Imigrantes de língua estrangeira*	b/a	b/Σb
I. ANGLO-CANADÁ				
as 4 províncias atlânticas	2.285.729	33.040	1,44%	0,93%
Ontário: área metrop. de Toronto	4.682.897	1.603.680	34,25%	45,07%
Ontário: restante da província	6.727.149	675.705	10,04%	18,99%
Província de Manitoba	1.119.583	102.630	9,17%	2,88%
Província de Saskatchewan	978.933	31.385	3,21%	0,88%
Província de Alberta	2.974.807	329.425	11,07%	9,26%
Província de Colúmbia Britânica	3.907.738	779.400	19,95%	21,90%
os 3 territórios árticos	92.779	3.220	3,47%	0,09%
TOTAL ANGLO-CANADÁ	22.769.615	3.558.440	15,62%	100,00%
II. QUÉBEC				
Área metropolitana de Montréal	3.426.350	527.900	15,41%	91,31%
restante da província	3.811.129	50.260	1,32%	8,69%
TOTAL QUÉBEC	7.237.479	578.160	7,98%	100,00%

Fonte: Censo do Canadá de 2001. * - vide conceituação no texto

A tabela 4 salienta de pronto a grande importância dos imigrantes falantes de línguas estrangeiras na área metropolitana de Toronto, congregando 45% dos presentes no Anglo-Canadá e compondo pouco mais de um terço da população local. É um quadro de certa forma semelhante ao vivenciado em São Paulo no começo do século XX. Essa acentuada preferência dos imigrantes pela maior metrópole corresponde ao habitual em nossos dias, nos "países novos" em geral, ficando distante o tempo em que tinha muita importância a procura por áreas agrícolas ainda pouco exploradas no país de destino. Visando um cotejo entre os hábitos lingüísticos dos imigrantes estabelecidos em ambientes geográficos diferentes, tomaremos a metropolitana Grande Toronto, ora caracterizada, e, em situação diametralmente oposta, a província de Saskatchewan, a menos urbanizada do Oeste Canadense, com 35,7% de seus habitantes morando no campo e contando com apenas duas cidades com mais de 35 mil habitantes: Saskatoon, com 196 mil e Regina e com 178 mil. Além disso, essa província abriga apenas pequeno contingente de imigrantes de línguas estrangeiras, embora seja bem menos desprezível o número dos descendentes de lavas mais antigas. A tabela 5 retratará ambas regiões. Nela, para possibilitar a colocação lado a lado das duas áreas geográficas selecionadas, não figurarão o número de falantes em cifras absolutas, mas somente os índices calculados a partir deles enquanto os dados pertinentes ao período de imigração serão listados de forma mais compacta, conforme explicação em legenda na tabela. Tendo em vista a finalidade comparativa, aos índices serão acrescentados os símbolos ► ou <, conforme forem mais elevados ou mais baixos que a situação média do Canadá, mostrada na tabela 3 retro.

Tabela 5 – Área metropolitana de Toronto e Província de Saskatchewan – Comparação dos índices de etnofonia com a situação média do Anglo-Canadá

Etnia e língua	Área metropolitana de Toronto						Província de Saskatchewan					
	Imigrantes (mil)	Principal período de entrada *	Pessoas da etnia (mil)	ITE (comparando c/ média Anglo-C.) +	IPE (comparando c/ média Anglo-C.) +	IUEC (comparando c/ média Anglo-C.) +	Imigrantes (mil)	Principal período de entrada *	Pessoas da etnia (mil)	ITE (comparando c/ média Anglo-C.) +	IPE (comparando c/ média Anglo-C.) +	IUEC (comparando c/ média Anglo-C.) +
GERMÂNICAS												
holandês	12,5	a6:68	85,6	16,1▶	35,6▶	6,3<	1,4	a6:67	32,3	5,9<	32,9<	4,7<
dinamarquês	2,5	a6:64	13,3	17,9▶	39,2▶	7,9▶	0,4	a6:69	9,3	4,6<	33,3▶	17,2▶
norueguês	0,5	a7:54	11,6	4,7▶	46,8▶	13,4▶	0,2	a6:75	60,5	2,0<	4,7<	□
sueco	1,4	distr	13,9	9,4▶	57,0▶	8,6▶	0,1	a6:64	29,9	1,7<	25,7<	0,0<
islandês	□		2,8	3,5▶	50,0▶	0,0<	□		6,1	1,5<	□	□
alemão	36,9	a6:59	241,1	18,1▶	47,5<	9,3<	3,2	a6:61	289,5	11,2<	34,4<	17,5<
ídiche					39,2▶	11,8▶					-	-
ROMÂNICAS												
português	83,5	6-8:60	175,3	62,1▶	90,7▶	37,4▶	0,4	6-9:61	1,2	33,6<	88,8▶	9,7<
espanhol	69,3	8-0:60	124,9	66,6▶	102,3<	32,3▶	1,8	7-9:64	4,6	42,3<	42,9<	22,5<
italiano	138,9	a7:85	429,9	45,5▶	82,8▶	31,9▶	0,7	a7:80	7,5	11,8<	56,4<	21,7<
romeno	22,1	9-0:64	27,1	66,0▶	93,4▶	35,6▶	0,6	distr.	10,2	7,5<	31,4<	10,2<
OUTRAS OCIDENTAIS UTILIZANDO ALFABETO LATINO												
polonês	70,4	8-0:72	166,6	47,9▶	86,0▶	37,1▶	2,4	a6:60	51,4	5,8<	37,6<	14,5<
tcheco e eslovaco	9,9	a7:50	25,0	39,7▶			0,3	a6:55	7,8	6,5<		
tcheco					64,4▶	21,4▶					31,3<	7,6<
eslovaco					63,9▶	30,5▶					50,0<	□
línguas da ex-Iugoslávia	50,1	distr.	102,0	60,6▶			1,6	9-0:64	4,4	29,5<		
esloveno					62,2▶	16,5<					□	□
serbocroata					89,6<	37,8<					88,1<	42,3▶
sérvio ++					98,1▶	42,1▶					85,7<	30,5<
croata					83,6▶	22,8<					67,8<	20,3<
macedônio ++					87,3▶	25,2▶					□	□
lituano	2,9	a6:62	11,4	35,6▶	68,3▶	35,0▶	□		0,6	12,4<	□	□
letão	3,8	a6:54	7,8	52,4▶	66,4▶	22,8<	□		0,2	7,1<	□	□
estoniano	3,1	a6:76	8,3	55,5▶	70,7▶	25,8▶	□		0,1	19,4<	□	□
finlandês	2,7	a7:70	14,7	25,3▶	52,0▶	19,0<	0,1	a7:62	3,6	11,9<	36,3<	15,6<
húngaro	14,5	a7:63	46,7	47,0▶	68,0▶	26,2▶	0,7	a6:82	24,3	11,1<	23,8<	18,4<
turco	6,8	9-0:57	9,9	74,0▶	100,3▶	33,9▶	□		0,1	10,0<	□	□
maltês	5,8	a7:73	18,2	27,5<	72,4▶	12,7<	□		□	□	-	-
galês			44,1	0,6▶	25,0▶	13,3<			13,9	0,3<	□	□
OCIDENTAIS UTILIZANDO OUTROS ALFABETOS												
bielorusso	2,6	9-0:78	1,4	12,0▶	58,3▶	71,4▶	□		-	-	-	-
ucraniano	22,3	9-0:61	104,4	25,5▶	74,4▶	33,1▶	1,3	a6:82	121,7	16,1▶	42,0<	8,3<
russo	23,2	9-0:78	62,5	76,1▶	99,4▶	48,4▶	0,7	a6:73	27,6	5,2<	45,8<	18,1<
búlgaro	4,2	9-0:78	5,5	77,2▶	89,3▶	36,9▶	□		0,1	15,0<	□	□
grego	35,0	a7:71	85,3	58,7▶	96,7▶	26,0▶	0,5	a7:68	1,9	51,3▶	98,4▶	17,1<
armênio	0,6	9-0:78	13,3	75,2▶	96,5▶	36,0▶	-		□	-	-	-
ORIENTAIS												
árabe	61,7	9-0:57	71,8	64,8▶	101,1<	32,9▶	1,1	9-0:75	2,3	45,9<	91,2<	25,7<
hebraico					125,2▶	16,5▶			□			
persa e pachto	46,5	9-0:70	55,4	85,9<			0,3	8-0:100	0,5	73,4<		
persa					97,9▶	46,5▶					96,3<	53,7>
pachto					104,7<	47,3<					-	-
chinês	264,5	9-0:57	435,6	79,8▶			3,7	8-0:64	9,2	64,8<		
cantonês					109,0▶	55,9▶					105,2<	36,2<
mandarim					105,1<	50,8▶					98,7<	37,1<
hakka					93,0▶	26,8▶					-	-
coreano	31,1	9-0:54	43,1	84,6▶	97,7<	53,1<	0,2	9-0:62	0,6	65,1<	77,3<	40,0<
japonês	4,1	distr.	20,0	39,1<	86,1<	37,5▶	□		0,6	29,9<	97,3>	10,8<
cambojano	3,1	8-9:62	2,5	64,5<	97,2<	45,6▶	0,1	8-9:92	0,2	61,1<	103,0>	50,0>
laociano	3,2	7-9:89	2,9	78,4▶	105,9▶	41,2▶	0,3	7-9:85	0,6	44,0<	112,5>	19,0<
tailandês	1,6	8-9:50	1,3	56,7▶	79,0▶	23,0▶	0,1	8-9:75	0,1	50,0<	□	□
vietnamita	52,6	8-0:73	45,1	81,0<	105,8<	50,8▶	1,4	7-9:72	1,8	74,3<	105,7<	31,6<
tagalog [filipino]	103,0	9-0:53	140,4	55,0▶	106,9▶	21,1▶	2,0	7-0:92	3,2	47,1<	104,5<	15,1<

cont.

cont.

Línguas do subcontinente indiano	279,0	9-0:64	471,3	66,1▶			1,6	8-0:61	4,2	39,6<		
bengali					100,6▶	38,3=					□	□
gujarati					103,5<	32,4▶					108,8>	10,2<
hindi					124,2▶	19,2<					104,6<	10,4<
konkani					87,6▶	13,6▶					-	-
marathi					84,0<	14,2▶					□	□
pundjabi					103,1<	49,6▶					102,7<	29,7<
sindhi					99,9<	19,3<					□	□
urdu					109,0<	34,3<					110,5>	23,4<
cingalês					97,0▶	16,2<					□	□
kannada					97,3▶	10,7<					79,1<	63,1>
malayalam					95,7▶	21,1▶					□	□
tamil					106,7▶	46,6▶					72,9<	33,3<
telugu					97,8▶	22,9<					□	□

Fonte: Censo do Canadá de 2001. Arredondamentos por supressão dos algarismos não contemplados. % – Valores absolutos abaixo de 100. * Os algarismos de 6 a 0 indicam o ano inicial ou final da década; exemplos: 6 – 1961, 6-7: de 1961 a 1970, a6: anterior a 1960. As cifras indicam o percentual dos entrados no período. + Vide o significado desses índices no texto; ▶ - O valor é superior ao respectivo índice do Anglo-Canadá; < O valor é inferior ao respectivo índice do Anglo-Canadá (tabela 3). ++ - Línguas escritas em alfabeto não latino (cirílico), mas incluídas aqui em razão de agrupamento.

Resumindo os resultados apurados na tabela, temos que na Grande Toronto 75,3% das medições correspondentes aos três índices apurados indicam um grau de etnofonia superior ao da situação média do Anglo-Canadá, enquanto no provinciano Saskatchewan ocorre o oposto: 85,7% de medições indicando um grau inferior de etnofonia com relação à mesma média. Note-se que, em escala geográfica mais ampla, essa situação de inferioridade também caracteriza toda a porção do Anglo-Canadá externa à Grande Toronto, já que é a outra parte do universo pesquisado, dando obviamente índices proporcionalmente inversos com relação à média do todo. Em outras palavras: na grande metrópole anglo-canadense o uso das línguas estrangeiras por parte das populações a ela ligadas se preserva melhor que no restante do Anglo-Canadá, onde pontificam metrópoles de menor porte, cidades médias e o campo.

O fenômeno ora apontado contradiz certo consenso, segundo o qual num ambiente mais rural ou menos metropolitano, os habitantes teriam uma conduta mais conservadora, o que implicaria em maior grau de manutenção de sua língua tradicional. Adiante retomaremos a questão. Enfocando a questão a partir dos resultados revelados na tabela, podemos atribuir o maior grau de etnofonia na área metropolitana de Toronto a dois fatores:

1. A presença étnica deriva de uma imigração mais recente, o que pode ser constatado, não só através da época de chegada dos imigrantes atuais, mas na razão entre as *peças da etnia* apuradas no censo e o total dos imigrantes de cada grupo, que na maioria dos casos é bem mais baixa que nos resultados referentes ao conjunto do Anglo-Canadá, indicando menor influência de imigrantes em época anterior. Os casos mais significativos dos poucos índices de etnofonia menor correspondem a etnias orientais, cuja imigração em nível de Anglo-América e de Grande Toronto são semelhantes, o que parece comprovar o papel, aliás lógico, da maior ou menor antiguidade da presença de uma etnia no local de implantação.
2. Como é comum em grandes cidades, sobretudo em "países novos", os imigrantes de vários grupos étnicos costumam se agrupar, cada qual, em certas partes da urbe, onde não raro passam a constituir a maioria dos moradores locais. São os chamados *guetos étnicos* ou *bairros étnicos*. (Preferimos o último termo dado o caráter pejorativo e coercitivo contido no histórico do primeiro.) Nesses bairros, ou em suas proximidades, com freqüência estabelecem lojas, em boa medida atendendo sua própria comunidade, e instituições culturais, educacionais e soci-

ais ligadas a sua etnia, tudo levando seus membros a levar uma vida comunitária um tanto fechada, voltados a si mesmos, o que, é claro, favorece a manutenção de sua língua.

Em Toronto não iria ser diferente, ainda mais com o grande volume representado pela população ligada a línguas estrangeiras, na qual os nascidos no exterior ainda têm um peso enorme. PERRONE (2002, pp. 602-603) aponta para as seguintes concentrações étnicas em trechos da cidade de Toronto (a cidade central da respectiva área metropolitana): italianos (duas), coreanos, poloneses, espanhóis, gregos, indianos, coreanos, chineses (duas), além de algumas não caracterizadas por determinados idiomas (africanos, muçulmanos) e uma com vários grupos (muçulmanos, europeus orientais e cristãos ortodoxos). Mapas da cidade destinados à orientação de moradores e turistas registram algumas das nucleações comerciais ligadas a etnias: Little Italy, Corso Italia, Chinatown, East Chinatown, India Bazaar, Little Korea, Rua Açores, Portugal Village, denotando seu caráter marcante e perceptível no quadro urbano⁶. Os dois últimos lugares apontam para concentrações espaciais dos portugueses, não referidas especificamente pela citada autora, mas objeto de estudo de Teixeira (2001), enquanto Than Liêm (1999) se dedica às dos vietnamitas, não identificadas nas citadas fontes cartográficas.

Teixeira (2001), que enfoca as atividades empresariais dos portugueses, mostra a grande interação de base étnica existente entre elas, sua clientela, empregados e a área residencial em que a etnia mais se concentra. Dos 54 empresários portugueses entrevistados pelo autor, a partir de critério de amostragem por ele descrito, 26 tinham seus estabelecimentos enfileirados em trechos de duas ruas próximas entre si, uma das quais compreendendo os dois lugares rotulados pelos mapas como Rua Açores e Portugal Village. A área, designada em seu conjunto como Little Portugal pelo autor, fica encravada na principal concentração residencial de portugueses, sendo que, num questionário possibilitando respostas múltiplas, 53,7% dos inquiridos alegaram como uma das principais razões da escolha do local de implantação a proximidade com a comunidade étnica. 63% valeram-se de fontes informativas ligadas à etnia para a montagem e operação de seu negócio, sendo que pouco mais de metade desses acharam isso valioso para a obtenção de clientes. 63,8% consideraram "muito importante" ter empregados portugueses, sendo que dos que assim pensam, 85,7% valorizam a facilidade de comunicação na língua, enquanto 40,5% acham que tais empregados terão maior afinidade com sua clientela portuguesa. Ainda no campo das relações de trabalho, 84% dos empresários portugueses valeu-se de parentes e amigos étnicos para o recrutamento dos empregados. Quanto à clientela, 71,7% dos empresários declararam que mais de metade de sua clientela era formada por consumidores portugueses; em seus esforços de propaganda 76,1% vale-se da mídia étnica e 82,9% dos guias telefônicos étnicos. (Causou-nos surpresa que no Canadá exista isso!) 85,2% acha-se envolvido, em diferente grau na vida social e cultural da comunidade portuguesa, com cerca de metade dos 54 pesquisados atuando como membros de organizações comerciais ou profissionais e associações culturais da comunidade étnica. Todos esses dados mostram como aos portugueses de Toronto (e a seus descendentes) é possível ter uma vida de relações bastante fechada entre si, caso assim desejem, o que naturalmente favorece a persistência da língua.

O caso dos imigrantes portugueses de Toronto foi tomado como exemplo. Como já insinuamos acima, Than Liêm (1999) examina a implantação vietnamita em Toronto, mas preferimos chamar seu trabalho quando abordarmos Montréal, cidade também enfocada no mesmo, inclusive com considerações comparativas.

⁶ Mapas: *Toronto*, MapArt, Oshawa, Ontario, 1997; *Downtown Toronto*, Unique Media, Don Mills, Ontário, 1997/98.

Em Saskatchewan, o confronto entre *peças da etnia e imigrantes* revela uma razão aritmética muito assimétrica, com números muito mais elevados das primeiras, sobretudo no caso de imigrantes dos ramos lingüísticos germânicos e eslavos. Em outras palavras: a maior parte das pessoas dessas etnias apuradas pelo censo derivam de migrações muito antigas, em maior escala que o verificado na média do Anglo-Canadá (que abrange essa e as demais províncias e territórios), onde o citado contraste é menor. A antigüidade das etnias na província seria então uma das explicações para a menor etnofonia, provocada por um convívio mais prolongado com a população hospedeira, falante de inglês. De fato, se em 2001 os imigrantes de língua estrangeira compunham apenas 3,21% dos 978.933 habitantes de Saskatchewan, em 1906, quando o grande *boom* de colonização da província (criada como tal apenas um ano antes) ainda nem havia começado, eles eram 55.089 (21,37%) dos 257.763 habitantes, dos quais 21.865 nascidos no Império Austro-Húngaro, 5.827 na Alemanha e 16.551 na Rússia. Naquela época, esses três grandes impérios compreendiam terras das quais se desmembrariam posteriormente vários outros países, entre os quais a Polônia e a Ucrânia, sendo provável que os números acima também compreendam contingentes de poloneses e ucranianos, cujos descendentes são numerosos, conforme retratado na tabela 5. A participação dos imigrantes de línguas estrangeiras ainda aumentaria mais nas décadas subsequentes, eis que em 1931, os indivíduos de etnia não britânica (inclusive o contingente não muito numeroso de língua francesa) correspondia a cerca de metade da população provincial, que já chegara a 921.785 habitantes, cifra próxima à atual. Entre eles predominavam os de etnia alemã (129.232), seguidos por ucranianos (63.400), noruegueses (39.755) e russos (33.421 habitantes) (ALTY, 1936/1949, p. 886). A presença elevada de pessoas que declararam essas etnias no censo de 2001⁷, indica ao menos a manutenção da consciência étnica dos descendentes daqueles pioneiros imigrantes, pois a fase da imigração mais intensa às Pradarias já estava concluída.

Baulig (1935), que em capítulo específico aborda as três províncias das Pradarias (Manitoba, Saskatchewan e Alberta), reproduz um mapa de 1910 (p. 181), trazendo parte de Manitoba, que mostra um mosaico de polígonos caracterizados pelo predomínio de diferentes etnias. O autor também se refere ao fato em seu texto, enfocando também a localização predominantemente rural das etnias estrangeiras, enquanto as pessoas de origem étnica britânica, além de também ocuparem o campo, "dominam nas cidades" (p.247). Mas, Baulig (1935) salienta que "não obstante, a miscelânea étnica das Pradarias parece não colocar problemas sérios. O elemento de língua inglesa e de mentalidade canadense domina nitidamente pelo número e mais ainda pela influência: ele envolve os grupos alógenos e os assimila pouco a pouco através da escola e da ação do meio ambiente (*sic*)". De acordo com tal colocação, já estaria havendo, desde então, significativo processo de assimilação das etnias estrangeiras à *população hospedeira*. Porém, bem mais tarde, já na década de 1970, Ward (1979, pp. 259), enfocando especificamente a província de Saskatchewan, manifesta-se em sentido oposto:

"Muitos [...] grupos, inclusive os britânicos, assentaram-se em comunidades separadas, onde poderiam usar sua própria língua e religião e prosseguir com sua própria religião e costumes, contendo Saskatchewan muitos núcleos de povoamento (*settlements*) facilmente identificáveis como ucranianos, franco-canadenses, alemães etc. A lei provincial permite o uso de línguas outras que o inglês nas escolas para propósitos específicos e tem-se tirado largo proveito dessa lei".

Diante dessa controvérsia, pareceu oportuno analisar a questão em meso-escala geográfica, selecionando, dado o caráter predominantemente rural da *colonização*, circunscrições censitárias com população relativamente pequena, nas quais em geral prevalece

⁷ É possível que em 1931 muitos dos ucranianos tenha sido contada como russos, o que explicaria seu menor número em 2001.

uma situação campestre mesclada a pequenos núcleos urbanos. Para tanto, tomamos, por critério empírico, todas as *census agglomerations* do Anglo-Canadá com menos de 100.000 habitantes, nas quais mais de 10% da população declarou língua materna não inglesa nem francesa. Trata-se de unidades territoriais de dimensão variável, formuladas pela autoridade censitária do país, que no caso de áreas menos povoadas em geral corresponde à realidade bem *provinciana*, meio rural, meio micro-urbana, ora comentada. Ao formularmos o limite mínimo de corte com base na língua materna já estamos excluindo casos em que houve considerável imigração, mas onde o declínio no uso da língua estrangeira os deixou abaixo do patamar considerado. Deixando de considerar dois distritos censitários (traduzamos assim) em que prevalece a língua pundjabi, inviável para relacionar com cifras migratórias e etnia, temos apenas 13 que se enquadram nas apontadas condições. Calculando os três diferentes índices de etnofonia (ITE, IPE e IEC) para as etnias com algum destaque em cada um dos distritos, temos que 47 índices (42,3%) revelaram-se mais elevados que a média do Anglo-Canadá contra 64 (57,7%), mais baixos. Em outras palavras, nesse ambiente bem provinciano, interiorano como diríamos no Brasil, predominam níveis de etnofonia inferiores à média, logo bem inferiores ao encontrado na grande metrópole, Toronto.

Focando os três índices de modo separado, temos que o ITE (índice de transmissão da etnofonia, medido através da língua materna dos recenseados) se afigura acima da média do Anglo-Canadá em 59,4% das apurações, enquanto o IPE (índice de persistência da etnofonia, baseado no hábito de falar a língua em casa) é superior à referida média em apenas 27,0% das apurações e o IUEC (índice de uso exclusivo da língua étnica em casa) é superior à média em 40,5% das apurações. O fato de os dois últimos índices serem inferiores ao primeiro revelam que, em escala genérica, as línguas étnicas têm menor grau de persistência nesses distritos pouco populosos.

Examinando os casos isoladamente, nota-se uma distribuição completamente disparatada dos índices, sugerindo a influência de fatores locais (difíceis de vislumbrar num enfoque genérico como este) na maior ou menor assimilação lingüística desse ou daquele grupo, nesse ou naquele distrito. A tabela 6 exemplifica o fenômeno através dos alemães étnicos, único grupo presente, em escala significativa, em quase todos os treze distritos.

Tabela 6 – Alemães étnicos em distritos censitários pequenos, com significativa presença de falantes de línguas de imigrantes. 2001

Distrito censitário (<i>census agglomeration</i>) (de leste para oeste)	População total (milhares)	Imigrantes da etnia (milhares) e período de entrada **	Pessoas de etnia alemã (milhares)	ITE *	IPE *	IUC *
Brantford, Ontario	86,4	0,5; a61: 68,5%	9,0	36,5 ►	41,0 <	3,6 <
Tilsonburg, Ontario	14,0	□	2,3	15,7 ►	28,8 <	28,6 ►
Norfolk, Ontario	60,8	0,4; a61: 67,9%	11,2	32,5 ►	72,3 ►	36,5 ►
Leamington, Ontario	46,7	0,3; a61: 66,7%	11,3	48,9 ►	76,2 ►	43,5 ►
Sault Ste. Marie, Ontario	78,9	0,6; a61: 73,0%	6,5	10,7 <	37,1 <	15,4 <
Portage-la-Prairie, Manitoba	20,6	□	3,8	40,8 ►	76,8 ►	29,1 ►
Yorkton, Saskatchewan	17,5	□	4,5	11,5 <	14,1 <	0,0 <
Swift Current, Saskatchewan	16,5	□	6,2	19,9 ►	38,6 <	12,5 <
Lethbridge, Alberta	67,3	0,5; a61: 74,1%	16,0	11,0 <	25,4 <	5,6 <
Penticton, Col. Britânica	41,5	0,9; a61: 63,5%	7,4	20,8 ►	39,1 <	13,2 <
Vernon, Col. Britânica	51,5	0,8; a61: 59,7%	11,5	16,5 ►	40,9 <	7,1 <
Chilliwack, Col. Britânica	69,7	1,2; a71: 65,9%	14,9	21,3 ►	35,1 <	20,1 <

Fonte: Censo do Canadá de 2001. Arredondamentos dos números absolutos por supressão das dezenas e unidades. Índices calculados antes dos arredondamentos. * Índices também utilizados nas tabelas 3 e 5. Vide decodificação no texto. ** - a61: antes de 1961; a71: antes de 1971. ► Superior à média do Anglo-Canadá; < - inferior à média do Anglo-Canadá.

A tabela 6 confirma, com relação às pessoas de etnia alemã, o constatado no quadro mais amplo, envolvendo também outras etnias nos levantados distritos censitários, ou seja, índices de etnofonia de diferentes valores numéricos, inclusive com variada disparidade uns com relação aos outros num mesmo distrito. As explicações, conforme sustentado, devem derivar de peculiaridades de cada caso.

AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NA ÁREA METROPOLITANA DE MONTREAL

Na província do Québec, baluarte francófono do país, a distribuição geográfica dos falantes de línguas estrangeiras é bem diferente daquela verificada no Anglo-Canadá, onde 45,07% deles se situam na grande metrópole, Toronto, enquanto os demais 54,93%, correspondendo a significativas 1.954.760 pessoas, acham-se dispersas por outras paragens, compostas por urbes de variadas dimensões e localizações campestres. Já no Québec, 91,31% dos alófonos acham-se concentrados na grande metrópole, Montreal, com escassos 50.260, equivalendo a 8,69% deles, distribuídos por outras partes da província (vide tabela 4, retro). Assim, pareceu-nos impróprio comparar a província de Québec com o conjunto do Anglo-Canadá, pois o cotejo colocaria lado-a-lado uma realidade eclética em termos de localização (metropolitana e *provinciana*, urbana e rural) e uma quase exclusivamente metropolitana. Diante disso e do pequeno significado dos falantes de língua estrangeira no interior de Québec, optamos por avaliar apenas a situação da área metropolitana de Montreal e, mantendo o enfoque comparativo que vimos seguindo, cotejá-la com a área metropolitana de Toronto.

Para melhor compreensão dos hábitos lingüísticos na Grande Montreal, vale salientar a situação peculiar da província de Québec, que num quadro macro-regional, semi-continental, não passa de um enclave com 7 milhões de habitantes, predominantemente francófonos, envolvido por uma massa territorial com pouco mais de 300 milhões de habitantes (Anglo-Canadá e Estados Unidos) predominantemente anglófonos. Se os falantes de francês do Québec (5,8 milhões de pessoas) formam uma massa crítica muito expressiva para a manutenção do idioma, maior que a de vários países europeus com língua própria, não é menos verdade que o referido estrangulamento geográfico pelo inglês por certo representa uma pressão significativa, mesmo sobre os que têm o francês como língua materna transmitida há gerações. O fato de o inglês, embora não oficial no Québec, ser língua oficial em todo o resto do Canadá e ser a língua internacional por excelência, que só traz vantagens para quem a domina, também deve influir. Com relação aos imigrantes de línguas estrangeiras e seus descendentes, que não têm nenhuma tradição étnica francesa pela qual zelar, é de se esperar que sintam atração até maior por aprender também o inglês, embora a ocorrência de parentesco lingüístico com uma ou outra língua, quando houver, deva influenciar em tal propensão, já que essa questão tem-se revelado importante na opção pela fixação nessa ou naquela parte do país, conforme ficou claro através da tabela 2, retro. Na área metropolitana de Montreal, o contato com o inglês é mais acentuado que na província de Québec em geral, já que a expressiva minoria de anglófonos, corresponde a 12,0% da população em termos de língua materna, cifra que ascende a 16,3% quando tomados os que falam o inglês em casa de modo preferencial ou exclusivo (contra 8,0% e 9,8% no conjunto da província, conforme tabela 1, retro). No ambiente de trabalho, essa língua ganha ainda mais força na Grande Montreal, pois 21,0% das pessoas que empregam alguma língua de modo preponderante ou exclusivo em sua atividade, utilizam o inglês. É que, conforme verbaliza Farnocchia (1981, p. 571): "quase toda a esfera econômica do Québec é dominada pelos anglo-canadenses". Isso se traduz em certa hierarquização: pesquisa conduzida por volta de 1970 revelou que em seu ambiente de trabalho os trabalhadores braçais francófonos utilizam o francês numa proporção de 94%, enquanto entre os que trabalham em escritórios esse

índice cai a 73% (LAPONCE, 1977, p. 207). Devido a diferente formulação dos quesitos, o censo de 2001 não permite uma comparação exata com esses dados, mas mostra que se mantém um escalonamento desse teor.

Na tabela 7 é efetuada a comparação entre os hábitos linguísticos dos habitantes de etnias estrangeiras nas duas grandes metrópoles. Repetir-se-ão os índices referentes a Toronto já apresentados na tabela 5, agora indicando sua posição com relação à situação média do conjunto das línguas estrangeiras na metrópole, fazendo-se o mesmo com os dados de Montreal. Na tabulação que diz respeito a Montreal, será apontada também a posição de cada índice em comparação com Toronto. Diante do caráter até certo ponto bilingüe de Montreal, será examinada também o percentual de pessoas de etnias estrangeiras fluentes em francês, em inglês ou em ambos, questão não abordada a propósito de Toronto, diante da posição de domínio incontestado do inglês nessa área metropolitana.

Tabela 7 – Áreas metropolitanas de Toronto e de Montreal – Comparação dos índices de etnofonia entre ambas – 2001

Etnia e língua	Área metropolitana de Toronto (língua oficial : inglês)						Área metropolitana de Montreal (língua oficial: francês)							
	Imigrantes (mil)	Principal período de entrada *	Pessoas da etnia (mil)	ITE +	IPE +	IUC +	Imigrantes (mil)	Principal período de entrada *	Pessoas da etnia (mil)	ITE +	IPE +	IUC +	Fluência em fr. e/ou inglês ++	
													% só fr. % ambas % so ing.	
GERMÂNICAS														
Holandês	12,5	a6:68	85,6	16,1	35,6	6,3	1,8	a6:54	11,2	19,4▶	39,0▶	4,1<	3:70:27	
Dinamarquês	2,5	a6:64	13,3	17,9	39,2	7,9	0,2	a7:69	2,1	16,5<	52,1▶	10,8▶	0:52:46	
Norueguês	0,5	a7:54	11,6	4,7	46,8	13,4	0,2	a7:72	2,8	7,2▶	52,3▶	18,1▶	0:55:45	
Sueco	1,4	distr	13,9	9,4	57,0	8,6	0,2	distr	3,4	13,5▶	72,0▶	23,8▶	2:44:54	
Islandês	□		2,8	3,5	50,0	0,0	□		0,3	3,9▶	□			
Alemão	36,9	a6:59	241,1	18,1	47,5	9,3	10,0	a6:57	59,5	20,6▶	54,7▶	9,6▶	1:60:39	
Ídiche					39,2	11,8					77,0▶	51,5▶	0:43:57	
ROMÂNICAS														
Português	83,5	6-8:60	175,3	62,1	90,7	37,4	21,1	6-8:60	42,5	68,3▶	91,5▶	32,0<	34:61:5	
Espanhol	69,3	8-0:60	124,9	66,6	102,3	32,3	50,0	8-0:77	82,9	76,3▶	109,0▶	25,8<	46:50:4	
Italiano	138,9	a7:85	429,9	45,5	82,8	31,9	67,0	a7:84	224,7	54,0▶	83,7▶	32,3▶	18:77:5	
Romeno	22,1	9-0:64	27,1	66,0	93,4	35,6	13,4	9-0:61	17,3	67,3▶	53,9<	39,4▶	20:75:5	
OUTRAS OCIDENTAIS UTILIZANDO ALFABETO LATINO														
Polonês	70,4	8-0:72	166,6	47,9	86,0	37,1	14,0	distr	38,6	39,6<	81,2<	36,6<	10:60:31	
Tcheco e eslovaco	9,9	a7:50	25,0	39,7			2,9	a7:57	7,5	36,2<				
Tcheco					64,4	21,4						61,1<	18,7<	4:64:32
Eslovaco					63,9	30,5						49,6<	20,6<	2:73:25
I. da ex-Iugoslávia	50,1	distr.	102,0	60,6			5,9	distr	10,5	47,3<				
Esloveno					62,2	16,5						72,1▶	18,4▶	2:52:46
Serbocroata					89,6	37,8						96,3▶	31,9<	32:57:10
Sérvio +++					98,1	42,1						109,7▶	48,1▶	12:60:28
Croata					83,6	22,8						82,7<	22,4<	9:60:31
Macedônio +++					87,3	25,2						□		
Lituano	2,9	a6:62	11,4	35,6	68,3	35,0	0,7	a6:80	3,4	24,4<	61,9<	24,0<	3:57:40	
Letão	3,8	a6:54	7,8	52,4	66,4	22,8	0,4	a6:68	1,0	40,2<	72,4▶	11,1<	2:54:47	
Estoniano	3,1	a6:76	8,3	55,5	70,7	25,8	0,2	a6:63	0,5	41,1<	44,9<	27,2▶	0:40:62	
Finlandês	2,7	a7:70	14,7	25,3	52,0	19,0	0,3	a7:61	1,5	24,5<	36,0<	18,5<	0:41:59	
Húngaro	14,5	a7:63	46,7	47,0	68,0	26,2	5,0	a6:63	14,1	46,7<	66,2<	24,8<	4:55:41	
Turco	6,8	9-0:57	9,9	74,0	100,3	33,9	5,0	8-0:65	5,1	67,6<	112,3▶	46,9▶	31:45:24	
Maltês	5,8	a7:1:73	18,2	27,5	72,4	12,7	□		0,4	3,1<	□			
Galês			44,1	0,6	25,0	13,3			5,2	0,6=	□			
OCIDENTAIS UTILIZANDO OUTROS ALFABETOS														
Bielorusso	2,6	9-0:78	1,4	12,0	58,3	71,4	0,4	9-0:87	0,4	8,1<	□			
Ucraniano	22,3	9-0:61	104,4	25,5	74,4	33,1	3,9	9-0:61	20,0	23,3<	67,8<	31,4<	6:61:33	
Russo	23,2	9-0:78	62,5	76,1	99,4	48,4	5,9	9-0:80	20,4	57,9<	102,9▶	47,9<	19:54:28	
Búlgaro	4,2	9-0:78	5,5	77,2	89,3	36,9	1,7	9-0:80	2,3	75,3<	89,4▶	41,6▶	21:70:8	
Grego	35,0	a7:71	85,3	58,7	96,7	26,0	21,8	a7:68	55,8	73,4▶	97,8▶	38,9▶	2:63:36	
Armênio	0,6	9-0:78	13,3	75,2	96,5	36,0	0,8	9-0:58	18,4	75,2=	100,0▶	45,2▶	10:80:10	

cont.

língua colonial, a exemplo dos procedentes do subcontinente indiano, onde o inglês até hoje funciona como importante *língua franca*.

À semelhança de Toronto e de tantas outras metrópoles através do mundo, em Montreal, boa parte dos imigrantes fixou residência em *bairros étnicos*, cada um correspondendo a uma etnia. O interessante é que em Montreal os bairros étnicos mais antigos se situam, grosso modo, no espaço intermediário entre os bairros predominantemente franco-canadenses, na parte nordeste da ilha, e os de maioria anglo-canadense, mais chiques, a sudeste. Essa distribuição espacial já vem de longe, conforme mostram mapeamentos referentes a 1871, efetuados por Bellavance e Gronoff (1980), persistindo nos dias atuais, apesar de alguma expansão de povos de etnia estrangeira para fora das áreas originais. A questão é abordada de modo genérico por Laponce (1977), Lo e Teixeira (1998) e Germain (2002), com relação aos italianos por Farnocchia (1981) e aos armênios por Chichekian (1977 e 1981). Alguns dos mapeamentos aí contidos mostram certa penetração de áreas residenciais étnicas na área francesa e na inglesa, fenômeno que Laponce (1977, p. 204) generalizou graficamente na forma de dois tentáculos, um em cada direção.

À semelhança do estudo de Teixeira (2001) sobre os portugueses de Toronto, já enfocado acima, Chichekian (1977, p. 76) questionou, por amostragem, os motivos da escolha do local de residência por parte dos armênios, obtendo que para 48% dos imigrantes diretos a causa principal foi a "proximidade a outros armênios", índice que cai a 39% para os que já mudaram alguma vez de residência. (As outras razões formuladas no questionário fechado foram: "proximidade ao trabalho", "proximidade a transporte e facilidades para compras", "custos do aluguel" e "outros") Considerando também os que citaram o referido fator de proximidade étnica como segunda causa, as respectivas cifras montam a 68% a 65%. O fato do desejo dessa vizinhança ser menor junto aos que já mudaram de casa, logo estão há mais tempo em Montreal, revela uma tendência de assimilação à população hospedeira. Em seu artigo de 1981, Chichekian (p. 188-191), trabalhando com formulação um pouco diferente, mostra a mesma tendência geral na queda da preferência residencial étnica dos mais idosos para os mais jovens e dos instalados na metrópole há menos tempo para os que estão há mais tempo. Vale registrar ainda que em seu primeiro estudo o autor salientava que mais de 60% dos armênios residia numa área em forma de corredor localizada na citada parte central da ilha.

Até que ponto a localização geográfica dos bairros étnicos tradicionais na faixa intermediária entre a área residencial mais francófona e a mais anglófona influenciou na elevada proporção de falantes de línguas estrangeiras que adquiriram fluência em ambos os idiomas do Canadá é difícil de avaliar, sendo de admitir que, no mínimo, deve ter facilitado um pouco. Mas há outros fatores que parecem ter prevalecido. Um deles é a religião, que tradicionalmente orientava a opção escolar, fixando-se sobretudo numa espécie de maniqueísmo católico-não católico. Nas palavras de Stevenson (2003, p. 407): "No Quebec, as crianças imigrantes não-católicas, incluindo as judias e as greco-ortodoxas, haviam sempre freqüentado escolas protestantes, as quais operavam inteiramente em inglês".

Com relação aos italianos, Farnocchia (1981) salienta que, embora tenham se fixado residencialmente mais na vizinhança de franco-canadenses, com os quais se situam em posição similar no mercado de trabalho, em termos de adoção lingüística valorizam mais o inglês. O autor, escrevendo numa época em que ainda não havia sido implantado o monolingüismo oficial na província de Québec, explica:

Para os italianos, o anglo-canadense é a pessoa a imitar, já que ele detém o poder econômico, motivo principal de sua emigração. Assim, compreende-se porquê, na escolha da língua, os italianos são propensos a aprender o inglês e a dirigir seus filhos às escolas inglesas. Isso não significa, com efeito, identificação com a cultura anglo-saxônica: o inglês é apenas um instrumento de trabalho, a língua que pode oferecer maiores possibilidades às novas gerações. (FARNOCCHIA, 1981, p. 571-572)

Alguns anos antes, Laponce (1977, p. 213-214) escrevera:

Em Montreal, como no Québec em geral, a etnicidade é definida pela língua e usualmente é reforçada pela religião; protestantes e judeus falam inglês, católicos falam francês. Porém, de modo crescente, desvios a partir dessa norma se acresceram ao número de concentrações territoriais étnicas 'desviantes', como a municipalidade de St. Leonard⁸, na qual os católicos italianos têm, em geral, preferência escolas inglesas e não francesas. No início dos anos 1960, em St. Leonard, os pais italianos endereçaram petição ao conselho escolar local e conseguiram que a educação elementar no distrito italiano fosse dado em francês e inglês; em 1968 fizeram nova petição para que as escolas bilíngües se tornassem monolíngües em inglês.

Ambos os autores referem-se ao desagrado que tal atitude provocou junto aos franco-canadenses. E note-se que St. Leonard fica na ponta do tentáculo do conjunto territorial de bairros étnicos que penetra na área predominantemente francófona, sendo sua população, na ocasião enfocada por Laponce (1977, p. 213), composta por 66% de franco-canadenses e 27% de italianos.

O exemplo dos italianos étnicos de Montreal, ora exposto, ganha força quando considerada sua elevada presença numérica na metrópole, onde formam o principal contingente ligado a uma língua estrangeira, como é patenteado na tabela 7. Tomando o conjunto da população de língua materna estrangeira, temos que, pelo censo de 2001, dos integrantes que utilizam uma das duas línguas canadenses de modo exclusivo ou preferencial no trabalho, 21,4% usam o inglês, enquanto para o contingente de língua materna francesa esse índice é de apenas 6,5%. (Para os de língua materna inglesa é de 79,0%). Na realidade, para os grupos alófonos a vantagem em aprender também o inglês não se restringe a melhores oportunidades no mercado de trabalho, mas também em outras facetas da vida cotidiana. Pelo menos no começo dos anos 1970, "de acordo com um levantamento [...] 69% dos falantes de francês e 79% dos falantes de inglês na área de Montreal disseram que encontram dificuldade em usar seu próprio idioma seja em restaurantes, bancos, lojas ou no trabalho" (LAPONCE, 1977, p. 208).

A questão que vimos examinando parece ter influenciado bastante o grau de etnofonia dos grupos ligados a línguas de imigrantes.

A tabela 7 mostra, entre outros fatos, que os grupos falantes de línguas européias não românicas nem germânicas, ou seja, sem parentesco direto com o francês nem o inglês, em geral apresentam os menores índices de etnofonia quando comparados à situação dos mesmos grupos em Toronto e aos índices médios de Montreal. Como a antiguidade da migração é semelhante nas duas metrópoles, uma possível explicação residiria no fato que em Montreal é praticamente necessário ou pelo menos muito útil que as pessoas tenham fluência em ambas as línguas oficiais do Canadá. Como nem o francês nem o inglês é parecido em termos de sintaxe e de vocabulário com as línguas tradicionais dessas pessoas, deve ser mais difícil adquirir ou manter fluência em três línguas completamente diferentes, diante do que a fluência na língua estrangeira de origem pode se afigurar como menos importante ou útil. Essa tese parece ser corroborada pela situação oposta apresentada pelos falantes de línguas românicas e línguas germânicas, com predomínio de índices mais elevados que em Toronto: para eles uma das duas línguas oficiais é relativamente parecida à

⁸ Montreal é uma metrópole bastante subdelimitada, com o que áreas não tão afastadas do centro (mais com característica de *bairro* que de *subúrbio*) já estejam fora dos limites da cidade, constituindo-se em unidades administrativas autônomas, *municípios*, como diríamos no Brasil.

sua, devendo facilitar seu aprendizado e/ou manter a fluência na respectiva língua estrangeira. Como explicar, então, os elevados índices de etnofonia das populações ligadas a línguas orientais, o que de certa forma refuta a tentativa de explicação ensaiada? Temos para conosco que a maior distância racial e cultural entre eles e a população franco e anglo-canadense seja importante causa, já que tende a dificultar a assimilação. É claro que o problema de dominar as três línguas ocorre como nos grupos europeus a que nos referimos acima, mas é de notar que entre os orientais a fluência bilíngüe em francês e inglês apresenta índices geralmente inferiores à média.

É curioso que em Montreal os índices de etnofonia entre grupos ligados a línguas germânicas sejam inferiores aos ligados a línguas românicas, parecidas ao francês, a única língua oficial e mais falada nessa área metropolitana. A julgar pelos elevados índices de pessoas de língua materna germânica que dos dois idiomas oficiais do país domina apenas o inglês, parece que esses grupos assimilaram-se mais com os anglo-canadenses de Montreal. Continua inexplicado até aqui o porquê de entre falantes de línguas românicas predominarem índices de etnofonia superiores aos de Toronto, onde a língua oficial, o inglês, é de outro ramo lingüístico. Farnocchia (1981, p. 568-569) cita um fenômeno referente aos italianos, o maior grupo ligado a uma língua estrangeira, que talvez adiante o esclarecimento:

No Canadá francês existe ainda uma certa aversão, mesmo que latente, nos confrontos com os neo-canadenses de origem italiana, aversão que, talvez, seja a maior responsável pela postura de nossos conterrâneos. G. Castelli, em sua [...] dissertação de graduação, afirma que se formou toda uma terminologia para indicar, de modo depreciativo, os italianos, chamados 'Maccheroni', 'Spaghetti', 'Mafiosi', 'Maudits Italiens'.

Isso deve ter alguma relação com a competição no mercado de trabalho. Segundo a mesma autora (FARNOCCHIA, 1981, p. 571):

[...] os franco-canadenses tiveram motivos de atrito com os italianos, mais no passado que hoje, já que os imigrantes freqüentemente se dispuseram a aceitar trabalhos mal remunerados que os franceses haviam recusado e isso, segundo a opinião de muitos, teria abalado bastante as relações entre empregadores e dependentes. [...] No passado, o último motivo levou a uma certa discriminação nos confrontos com nossa coletividade [...]

É de crer que o mesmo tipo de confrontos ocorra entre franco-canadenses e outros grupos étnicos. No entanto, segundo Than Liêm (1999, pp. 30 e 38), que estuda os vietnamitas do Canadá, os integrantes dessa etnia integraram-se melhor na sociedade franco-canadense de Montreal que entre a anglo-canadense de Toronto e Vancouver, tendo-se fixado em menor escala em bairro étnico, dispersando-se mais pela cidade. Porém, isso não se reflete nos índices de etnofonia, dois dos quais mais elevados em Montreal que em Toronto.

PALAVRAS FINAIS

As informações coletadas pelo recenseamento do Canadá, mesmo na forma liberada pela *Internet*, possibilitam análises ainda mais detalhadas quanto a hábitos lingüísticos e a subdivisões geográficas. Não nos propusemos a isso dada a escala escolhida para esse artigo.

As conclusões a que fomos chegando durante a análise empreendida corresponderam em grande parte aos resultados esperados diante de certo consenso difuso existente a

respeito das questões enfocadas. Sobretudo quanto a influência do parentesco lingüístico sobre a parte do Canadá (inglesa ou francesa) em que os imigrantes falantes de línguas germânicas ou românicas se fixaram, tendo-se notado que até a antiga situação lingüística colonial de alguns países de emigração influiu, já que persistiu certo domínio do inglês ou do francês entre seus habitantes. Também o grau de etnofonia e, inversamente, de assimilação, revelou a ocorrência de dita associação. Em sentido contrário, inicialmente nos causou certa estranheza que os índices de etnofonia tendam a ser maiores na grande metrópole, Toronto, que no restante do Anglo-Canadá, e que em Montreal, apesar do monolingüismo oficial francês, há casos em que ocorre maior assimilação social e lingüística dos integrantes de determinada etnia à minoria de língua inglesa. Nesse contexto também se patenteou que a praticidade econômica no domínio e no uso de certa língua em detrimento da outra língua oficial do Canadá e/ou de sua língua de origem não raro se sobrepõe a questões de afinidade étnica ou simpatias e sentimentos nacionais.

REFERÊNCIAS

- ALTY, Stella West – Saskatchewan In: **Enciclopedia Italiana**, Istituto della Enciclopedia Italiana, Roma, vol. XXX, 1936, republicada em 1949, p. 885-886
- BAULIG, Henri – Amérique Setentrionale, In: VIDAL DE LA BLACHE, P.; GALLOIS, L. – **Géographie Universelle**, Paris: A. Colin, 1935.
- BELLAVANCE, Marcel; GRONOFF, Jean-Daniel – Les structures de l'espace montréalais à l'époque de la confédération. **Cahiers de Géographie de Québec** n. 63, p. 363-384, 1980.
- CARTWRIGHT, Donald G.; WILLIAMS – Bilingual districts as an instrument in Canadian language policy. **Transactions of the Institute of British Geographers** n. 7, p. 474-493, 1982.
- CHICHEKIAN, Garo – Armenian immigrants in Canada and their distribution in Montreal **Cahiers de Géographie de Québec** n. 52, p. 65-82, 1977
- _____. A study of the changes in the distribution and mobility of Armenians in the Montreal region 1972-1979. **Cahiers de Géographie de Québec** n. 65, p. 169-196, 1981.
- FARNOCCHIA, Franca – Italiani in Canada. **Bolletino della Società Geografica Italiana**, p. 543-573, 1981.
- GERMAIN, Annick – The social sustainability of multicultural cities: a neighbourhood affair?. **Belgeo** n. 2, p. 377-386, 2002.
- GIDENGIL, Elisabeth, BLAIS; André, NADEAU, Richard; NEVITTE, Neil – A língua e a insegurança cultural In: GAGNON, Alain-G. (Org.), – **Quebec – Estado e sociedade**, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Cap 17, p. 421-447. (Traduzido por Mariana Lustosa)
- KAPLAN, David H. – Population and politics in a plural society: the changing geography of Canada's linguistic groups. **Annals of the Association of American Geographers** v. 84, n. 1, p. 46-67, 1994.
- LANGENBUCH, Juergen Richard – **Geografia Política Lingüística** – Línguas e dialetos na vida de povos e países, São Paulo: Hucitec, 2009.
- LAPONCE, J. A. – Bilingualism and the bilingual city: the case of Montreal. In MENDES, Candido (Org.) – **Urban networks: structure and change**, Rio de Janeiro: Univ. Candido Mendes, 1977, p. 201-221
- LO, Lucia; TEIXEIRA, Carlos – If Quebec goes...the 'exodus' impact?. **Professional Geographer** n. 4, p. 481-498, 1998.

SANGUIN, André-Louis – Anglophonie contre francophonie. Le Québec et la frontière culturelle canado-américaine. **Bulletin de l'Association de Géographes Français** n. 5, p. 367-376, 1990.

STEVENSON, Garth – O Quebec anglófono: uma história política In: GAGNON, Alain-G. (Org.), – **Quebec – Estado e sociedade**, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Cap. 16, p. 399-419. (Traduzido por Maria Lustosa)

TEIXEIRA, Carlos – Community resources and opportunities in ethnic economies: a case study of Portuguese and Black entrepreneurs in Toronto **Urban Studies** n. 11, p. 2055-2078, 2001.

THAN LIÊM, Lâm – Reconversion professionnelle et intégration sociale de la communauté vietnamienne au Canada **Acta Geographica** n. 119, p. 21-42, 1999.

WARD, Norman – Saskatchewan, In: **The New Encyclopaedia Britannica**, Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1949, v. 16, 1979, p. 258-261.

Recebido em outubro de 2009

Aceito em janeiro de 2010

